

Projeto de intercâmbio Canadá (Québec) e Brasil em Economia Solidária

Relatório Final de Atividades (novembro de 2006 a julho de 2008)

Brasília, 29 de julho de 2008

Relatoria: Daniel Tygel, secretaria executiva do FBES

Índice

A. Introdução.....	3
B. Visita de delegação do FBES ao Canadá.....	4
<i>B.1. Reunião com ARUC/ÉS.....</i>	<i>4</i>
<i>B.2. Lançamento do Café Justo e Solidário e recepção dos convidados internacionais.....</i>	<i>5</i>
<i>B.3. Comemoração de 10 anos do Projeto Angus.....</i>	<i>5</i>
<i>B.4. Reunião do Conselho de Administração da RIPESS.....</i>	<i>6</i>
<i>B.5. Recepção dos convidados estrangeiros pela Prefeitura de Montréal.....</i>	<i>6</i>
<i>B.6. Conversas entre América Latina e África.....</i>	<i>7</i>
<i>B.7. Participação na Cúpula da Economia Social e Solidária do Québec.....</i>	<i>7</i>
<i>B.8. Participação na Feira de Economia Social e Solidária.....</i>	<i>9</i>
<i>B.9. Viagem a Abitibi.....</i>	<i>10</i>
Cooperativa de Desenvolvimento Regional.....	10
Cooperativa florestal de Rouyn Noranda.....	11
Assembléia do Pólo de Economia Social de Abitibi.....	11
Feira regional de Economia Social de Abitibi.....	11
<i>B.10. Reunião final com o Chantier – Avaliação e Prioridades.....</i>	<i>12</i>
Finanças solidárias.....	12
Comercialização.....	13
Formação.....	13
Estruturas organizacionais.....	13
Marco Legal.....	13
Pesquisa.....	13
Políticas públicas.....	13

C. Relato da visita da delegação canadense ao Brasil em maio de 2007.....14

C.1. Participação de Nancy Neamtan e Thérèse Sainte-Marie na VII Reunião da Coordenação Nacional do FBES.....14

Relações internacionais em Economia Solidária.....	14
Diálogo com Chantier de l'Économie Sociale do Québec.....	15
Seguimento do debate.....	17

C.2. Reuniões temáticas entre FBES e Chantier.....17

Comercialização em Economia Solidária.....	17
Formação em Economia Solidária.....	18
Finanças Solidárias.....	19

D. Seminários Regionais rumo à IV Plenária Nacional do FBES.....20

D.1. Relato.....20

D.2. Principais resultados alcançados.....21

E. Publicação e lançamento do livro bilíngüe “Ousar a Solidariedade: partilha de práticas de economia social e solidária no Brasil e no Québec”.....23

F. Perspectivas.....25

G. Anexos.....28

G.1. Relatos da visita da delegação brasileira ao Québec em novembro de 2006.....28

Depoimento de Shirlei Almeida.....	28
Depoimento de Evandro Luzia.....	30
Depoimento de Lenivaldo Lima.....	31
Depoimento de Walmir Almeida.....	33
Apontamentos de Daniel Tygel sobre a Economia Solidária no Québec.....	34

G.2. Documento informativo sobre a Economia Social e Solidária no Québec/Canadá disponibilizado ao FBES durante a sua VII Reunião da Coordenação Nacional.....36

O Québec e a Economia Social e Solidária.....	36
O movimento de Economia Social e Solidária no Québec : A situação em 2007.....	40
Formação.....	43
Dez anos depois da criação do Chantier: a Conferência Nacional de Economia Social e Solidária do Québec....	44

G.3. Publicações resultantes do projeto.....46

A. Introdução

No escopo do Projeto de intercâmbio Canadá (Québec) e Brasil em Economia Solidária, apoiado pela CIDA / ACDI na janela PIPE Express, apresentamos o relatório final de atividades, cobrindo o período de novembro de 2006 a julho de 2008. Foi um período intenso de trabalhos e com resultados que superaram, em muito, as expectativas iniciais.

O presente relatório se divide em seções que apresentam as principais atividades desenvolvidas e os resultados alcançados, concluindo-se com uma seção específica apontando os principais horizontes de parceria construídos em grande medida graças a este projeto:

- A **seção B** trata da visita da delegação brasileira ao Canadá, em novembro de 2006, para reuniões, visitas a empreendimentos solidários e participação na Cúpula de Economia Solidária organizada pelo *Chantier*;
- Em maio de 2007, uma delegação do *Chantier* esteve no Brasil para mais intercâmbios e participação na VII Reunião da Coordenação Nacional do FBES. Foi neste momento que se desenhou o campo de interesses mais aprofundado do FBES e do *Chantier*, conforme pode-se confirmar na **seção C**;
- Na **seção D** são relatados os seminários regionais preparatórios à IV Plenária Nacional, que apresentaram resultados muito importantes para este evento, tais como a publicação do caderno de aprofundamentos para a IV Plenária e a formação dos coordenadores estaduais na metodologia para as atividades microrregionais e estaduais;
- A **seção E** apresenta a publicação FBES-*Chantier*, editada em português e em francês, e lançada oficialmente durante a IV Plenária Nacional de Economia Solidária, em março de 2008;
- Algumas das perspectivas atualmente em debate para a continuidade da parceria entre *Chantier* e FBES são apresentadas na **seção F**;
- Finalmente, os anexos que complementam informações das seções anteriores encontram-se na **seção G**.

B. Visita de delegação do FBES ao Canadá

Entre os dias 12 e 22 de novembro de 2006, uma delegação do FBES esteve no Québec, a maior parte do tempo em Montréal, para participar de vários eventos e reuniões. A delegação compunha-se de cinco pessoas, sendo quatro apoiados pelo projeto PIPE EXPRESS, e o quinto com recursos da Aliança de Pesquisas Universidade-Comunidade em Economia Social (Alliance de Recherches Université-Communautés en Économie Sociale, doravante chamada simplesmente de ARUC/ÉS).

B.1. Reunião com ARUC/ÉS

Durante toda a estadia no Québec, o FBES se reuniu três vezes com o coordenador da ARUC/ÉS, Jean-Marc Fontan, e uma vez com o conjunto de representantes da Rede Canadense de Pesquisadores em Economia Social.

A ARUC é um núcleo semi-universitário, com coordenação partilhada entre um professor universitário (Jean-Marc Fontan) e um militante social (Nancy Neamtan, presidente do Chantier), cujo objetivo central é o “Transfert”, ou seja, o intercâmbio de práticas e saberes entre o mundo acadêmico e o mundo dos movimentos sociais no campo da ES.

No escopo da parceria entre FBES e Chantier, analisou-se em que aspectos seria frutífera a articulação entre o FBES e a ARUC. Nisso foram levantados alguns pontos que interessavam à ARUC e outros que interessavam ao FBES.

Para o FBES, interessa o conhecimento e aprendizado sobre instituições como a ARUC, em que a coordenação se dá de forma partilhada entre movimento social e academia, o que pode apontar para maneiras interessantes de construção de conhecimento.

Por parte da ARUC, houve interesse em maior contato com as redes de Incubadoras Universitárias (Rede de ITCPs e a Unitrabalho, ambas integrantes do FBES), pois trata-se de ações universitárias concretas que também geram conhecimento e processos formativos.

Outro ponto que surgiu como de interesse de ambos foi o intercâmbio das metodologias e resultados dos processos de mapeamento ocorridos no Brasil e no Québec.

Foi firmado o compromisso de buscar o contato direto entre a ARUC, a Rede de ITCPs e a Unitrabalho, para avançarem concretamente nos pontos de aprendizado apontados.

Como agenda, há a assembléia geral da Rede Internacional de Pesquisadores em ES em Montréal em maio de 2007, e a ARUC manifestou a importância da presença de representantes do FBES destas redes universitárias no evento. No Brasil, há a perspectiva de realização de um encontro nacional dos empreendimentos apoiados por incubadoras universitárias, a ser organizado pela Rede de ITCPs, no primeiro semestre de 2007, para o qual a presença de representantes da ARUC seria importante.

Além do levantamento de pontos importantes e das perspectivas de agenda comum, foi apontada outra forma de intercâmbio através de publicações conjuntas com artigos dos dois países sobre o “transfert”, ou seja, a relação e impacto dos conhecimentos de movimentos sociais e do mundo acadêmico uns sobre os outros. Pode ser um resultado muito rico desta parceria, que certamente enriquecerá muito as práticas de nossas redes e das deles a partir de um olhar em perspectiva.

No dia 13 de novembro a delegação brasileira foi convidada a participar de um jantar reunindo os centros de pesquisa em ES de todas as províncias do Canadá (o ARUC é o centro de pesquisas em ES da província do Québec). Além do estabelecimento de contato entre os pesquisadores em Economia Social de todas as províncias do Canadá e os representantes do FBES, foi feita uma riquíssima palestra do professor Benoît Levêsque, traçando um panorama do processo de desenvolvimento dos estudos sobre ES e todas as suas correntes que decorreram, com foco especial, ao final, ao processo ocorrido na França em comparação com o processo no Québec. O professor Benoît comprometeu-se a repassar o resumo deste seminário para o FBES para que possamos difundir no seio do movimento, que será muito útil por tratar da militância dentro do mundo acadêmico sobre o papel da economia e seu sentido para a qualidade de vida em um aspecto de alternativa ao capitalismo, além de trazer elementos que normalmente desconhecemos das nuances históricas dentro da França e do Québec.

B.2. Lançamento do Café Justo e Solidário e recepção dos convidados internacionais

A delegação brasileira foi convidada a participar, no dia 14 de novembro, de um evento de lançamento do Café Nelligan, um produto com características muito especiais, pois além de ser comprado de produtores do Sul com certificação do comércio justo (critérios sociais e ambientais justos), ele é torrado e ensacado no empreendimento solidário Le Transit, no Québec, cujos participantes são portadores de deficiências físicas e mentais. Detalhes sobre o Le Transit e o café Nelligan estão em: www.letransit.com.

Na perspectiva de cadeias produtivas, vêem-se possibilidades ricas de parceria no campo comercial entre nós e o Québec: cadeias produtivas com empreendimentos solidários em todas as etapas, desde a produção até o consumidor, ampliando o escopo do comércio justo para incluir também empreendimentos solidários do Canadá. Empreendimentos solidários no sul e no norte, ao invés de empresas do norte que comprem de empreendimentos solidários do sul. Como se verá ao fim do relatório, uma das prioridades de intercâmbio entre o FBES e o Chantier se dará no campo da comercialização, e este evento levantou a possibilidade do FBES e Chantier tornarem-se intermediários em cadeias produtivas Brasil-Québec.

O evento de lançamento ocorreu numa cafeteria que é também um empreendimento solidário de pessoas portadoras de leves deficiências e distúrbios mentais. O empreendimento se chama "Entreprise PART". Neste caso, trata-se de um Empreendimento de Inserção Social (Entreprise d'Insertion Sociale): Os empreendimentos de inserção são empreendimentos em vários setores de economia para os quais jovens e pessoas excluídas do mercado de trabalho são enviadas para trabalharem com o salário mínimo de lá por um período de 6 meses a no máximo um ano, para adquirirem técnicas no trabalho específico e também conhecerem o ambiente de trabalho. Existe uma rede em todo o Québec com muitos empreendimentos de inserção, que têm em seu interior processos participativos de decisão e um ambiente muito agradável.

A delegação brasileira conheceu vários Empreendimentos de Inserção, como o de recuperação de computadores, o de conserto de bicicletas e criação de arte com peças das bicicletas que não deu pra se consertar, a cafeteria onde ocorreu o lançamento do café Nelligan, um de trabalho com madeira e o Petites Mains que trabalha com costura e serigrafia, e que forneceu as bolsas da Cúpula de Economia Social e Solidária do Québec que ocorreu em seguida. Mais informações podem ser encontradas na página da rede: www.collectif.qc.ca. Este site mostra toda a rede de empreendimentos de inserção no Québec.

Como é parte de uma política pública do governo federal para trabalhar diretamente a questão da inserção no mercado de trabalho, a perspectiva dos Empreendimentos de Inserção é voltada à formação de pessoas para o trabalho. Nas conversas que a delegação brasileira teve com pessoas da coordenação da Rede Collectif pour le Changement Social ("coletivo pela transformação social"), que é a rede de empreendimentos de inserção, pôde-se perceber que estão muito envolvidos com o movimento de ES do Québec (são membros do Chantier, por exemplo), e por isso são uma iniciativa muito interessante do campo de formação / incubação. Pode portanto ser outro ponto de trocas entre FBES e Chantier: criação de empreendimentos fixos para preparar pessoas e coletivos a se constituírem no futuro como empreendimentos solidários...

Durante o evento de lançamento do Café Nelligan, os integrantes do Le Transit aproveitaram para fazer uma homenagem a todos os estrangeiros que lá estavam para participar da cúpula que começaria em dois dias. Havia grande alegria e envolvimento dos participantes do Le Transit em estarem acolhendo aos estrangeiros.

B.3. Comemoração de 10 anos do Projeto Angus

O empreendimento "Entreprise Part" é localizado no "Tecnopólo Angus", um projeto muito que nasceu da articulação de moradores do bairro Angus para recuperar um antigo centro industrial totalmente abandonado. Esta área abandonada se transformou hoje num local para abrigar empreendimentos solidários, empresas privadas e empresas / instituições públicas, dentro do conceito que eles chamam de "economia plural". Há uma série de características muito interessantes deste projeto, como por exemplo:

1. Toda a construção é ecológica: os materiais usados, as tecnologias de construção, etcétera, são feitos para o mínimo impacto ambiental possível;

2. Toda a manutenção do espaço (prédios, estacionamentos, parques, calçadas, etc...) é ecológica: pensa-se no fechamento de ciclos de água e minimização total de uso da energia. É interessante que eles não mandam nenhum esgoto para o sistema de Montréal: tudo é tratado e reutilizado no próprio local, de modo que eles tomam total responsabilidade pelos dejetos que criam. Todo o lixo é separado para reciclagem, e evita-se uso de embalagens demais ou de alto impacto para produtos de limpeza, etc, de modo a diminuir a emissão de lixo.

3. Todo o projeto do espaço é para minimizar ao máximo o espaço de estacionamentos, favorecendo o uso de transporte coletivo e bicicletas para acessar o local. Eles conseguiram conquistar inclusive uma linha de ônibus municipal que vai para lá, fazendo o link com o metrô, que também não é tão longe;

4. Há uma política de favorecimento de contratação de pessoas do bairro nos prédios e empreendimentos / empresas do local, visando a melhoria da qualidade de vida do bairro Angus.

5. A gestão do espaço é feita pela Associação de Moradores do bairro.

Um campo ainda muito pouco explorado no movimento de Economia Solidária brasileiro é a constituição de empreendimentos solidários que desenvolvam “atividades – meio”, como comercialização (lojas solidárias, organização de feiras, fechamento de compras casadas, construção de cadeias produtivas solidárias) e assessoria (capacitação para gestão, para elaboração de projetos, mapa de oportunidades, etc). Normalmente várias destas atividades são desencadeadas por ONGs, que por serem sem fins econômicos, precisam garantir sua sustentabilidade financeira de outras fontes que não do próprio serviço prestado, através da aprovação de projetos.

Mais informações sobre o projeto Angus encontram-se na página www.sda-angus.com.

B.4. Reunião do Conselho de Administração da RIPESS

Nos dias 14 e 15 de novembro, ocorreu a reunião do Conselho de Administração (CA) da RIPESS (Rede Intercontinental de Promoção da Economia Social e Solidária), a instância mais importante da RIPESS (abaixo apenas da assembléia geral, que são os encontros mundiais pela globalização da solidariedade – ocorridos até agora em Lima/1997, Québec/2001, e Dakar/2005).

Pela América Latina estavam Humberto Ortiz (GRESQ/Peru) e Shirlei (FBES/Brasil); pela Europa estavam Giovanni (Banca Etica/Itália) e um rapaz de Luxemburgo; pela Oceania e sul-pacífico estava um senhor da Austrália (movimento comunitário, tipo uma articulação de ONGs para o desenvolvimento comunitário e econômico na Austrália); pela América do Norte estavam Ethel Coté (Rede de Desenvolvimento Comunitário e Econômico do Canadá), Gerald Larose (GESQ/Québec, e ex-presidente da CSN, que é o análogo da CUT no Québec), e Yvon Poirier (GESQ / Québec); pela África estavam Abou (mulher da Etiópia, que trabalha na ONG internacional ENDA e também está na organização do FSM de Nairóbi), e Abdou Salam (GESS / Senegal, e presidente da RIPESS). Não foi possível a presença de ninguém da Ásia.

Um relatório da reunião está sendo elaborado por Ethel Coté (do *Réseau Canadien de Développement Économique Communautaire*), que assumiu a secretaria da mesma. Posso apenas dizer que a reunião transcorreu num clima amistoso e de diálogo o tempo inteiro, e que pontos considerados preocupantes para a América Latina, como por exemplo a questão da descentralização da coordenação da RIPESS, foram satisfatoriamente encaminhados.

B.5. Recepção dos convidados estrangeiros pela Prefeitura de Montréal

No dia 15 de novembro, a prefeitura de Montréal organizou uma recepção para os estrangeiros que se encontravam na cidade para participarem da Cúpula de Economia Social e Solidária que começaria no dia seguinte. Quem coordenou a recepção foi um dos membros do Conselho Executivo da Prefeitura, que anunciou publicamente uma parceria com o Chantier para a construção de políticas públicas de apoio para a Economia Social e Solidária. Ele citou, como exemplo do que está por vir nesta política pública, um programa de compras públicas privilegiando empreendimentos solidários, parecido com o PAA da Conab em nosso país (PAA é o Programa de Aquisição de Alimentos, que privilegia associações de agricultura familiar). Isso serve de indicativo para futuros

intercâmbios sobre políticas públicas, já que no caso de Montréal a compra não é apenas de alimentos, mas de vários outros bens e serviços.

Estiveram presentes pessoas de alguns países da África (particularmente Guiné, Burkina Fasso, Etiópia e Senegal), do Japão, do Canadá de fora do Québec, da Espanha e Itália. A delegação brasileira era a maior, consistindo em 5 pessoas do FBES nesta recepção que tinha ao todo umas 20 a 30 pessoas.

B.6. Conversas entre América Latina e África

No contexto da reunião da RIPESS, Humberto Ortiz e Abdou Salam manifestaram interesse em fazer reuniões entre as representações da América Latina e da África, no sentido de pensar como poderia haver uma articulação estratégica de fortalecimento da Economia Solidária numa perspectiva Sul-Sul, sem intermediários.

Foi realizada, portanto, um jantar-reunião após a recepção da prefeitura de Montréal, no dia 15 de novembro, entre a delegação brasileira, Abdou Salam (Senegal), Abou (Etiópia), e Humberto Ortiz (Peru). Foi debatida a importância do contato direto entre África e América Latina, no sentido de fortalecer a Economia Solidária nestas duas regiões do hemisfério sul. Foram apontados momentos importantes para isso: o FSM2007 em Nairóbi, e o encontro de Havana 2007 (II Encontro Latinoamericano de Comércio Justo e Economia Solidária, dando seguimento ao encontro de Cochabamba 2005). Mesmo que neste segundo encontro a agenda seja latinoamericana, deliberou-se pelo convite de africanos para conhecerem esta realidade.

A delegação do FBES frisou que trocas deveriam ser feitas preferencialmente entre empreendimentos dos dois continentes. Neste sentido, Abdou propôs algum encontro América Latina – África com este fim, talvez no final de 2007, em Lima / Peru, pois 2007 é a data de 10 anos desde o encontro de Lima que desencadeou a criação da RIPESS. A proposta desenvolveu-se para que este encontro se chamasse “Lima +10”. A delegação do FBES também contribuiu propondo que a composição de participantes siga a proporção que usualmente realiza-se no FBES: 2/3 empreendimentos solidários e 1/3 dos outros 2 segmentos (gestores públicos e assessorias). Para contemplar também visita a empreendimentos solidários no local, deliberou-se pela por um período total de 7 a 8 dias, portanto bem longo. Quanto ao número de participantes, pensou-se numa representação de 3 pessoas por região em cada continente (considerando 5 regiões em cada continente), de modo que haveria um total de 30 pessoas (15 de África e 15 da América Latina). Estas idéias serão retransmitidas para as respectivas redes para ver o interesse. O FSM de Nairóbi e o encontro de Havana seriam então momentos para acumular as possibilidades de realização de Lima +10 – diálogo África e América Latina em Economia Solidária.

Outra reunião entre representantes da África e da América Latina foi feita ao final da Cúpula de Economia Social e Solidária, no dia 17 de novembro, pois havia outras pessoas de outros países, como Marrocos, México e a presença do Secretário Brasileiro de Economia Solidária, Paul Singer. Nesta reunião foi apresentada a proposta de Lima +10, e Abdou Salam propôs que Paul Singer fosse um “patrono simbólico” deste evento, por sua militância e reconhecimento internacionais. Paul Singer sugeriu que uma extensa preparação do encontro fosse realizada, através de canais como e-mail e listas de discussão virtuais, para uma maturidade e acúmulos já desde a base.

B.7. Participação na Cúpula da Economia Social e Solidária do Québec

Um dos principais objetivos da presença da delegação brasileira no Québec foi a participação na Cúpula Quebequense de Economia Social e Solidária (*Sommet de l'Économie Sociale et Solidaire*), marcando os 10 anos de existência do Chantier.

O evento ocorreu nos dias 16 e 17 de novembro, e foi um imenso sucesso, em vários pontos de vista: desde a abertura até as oficinas e o belo encerramento.

De fato, o FBES foi feliz em estar representado num momento histórico da Economia Social e Solidária do Québec, assim como o Chantier ficou muito feliz com a presença brasileira por lá: a delegação brasileira recebeu um tratamento de convidados especiais, claro que sem perder-se o foco da Cúpula que era o de fazer um balanço dos 10 anos de Economia Social e Solidária no Québec e de apontar as diretrizes para o futuro (*pistes d'action pour l'avenir*).

Havia mais de 700 pessoas participando na Cúpula, todas representantes de regiões, ou redes de empreendimentos, ou redes de movimento social, ou de assessoria, ou de governos locais. As inscrições para a cúpula foram por representação, e não por pessoas, o que qualifica esta quantidade de pessoas para um leque muito amplo e robusto de atores sociais.

O primeiro dia pela manhã tratou de apresentações com balanço geral da Economia Social e Solidária no Québec em várias dimensões: as conquistas, os desafios, os caminhos trilhados. Foi uma apresentação muito bela, num duo de falas entre Clément (presidente da Caixa de Economia Solidária de Désjardins – *Caisse de l'Économie Sociale*) e Laurie Wendel (ecologista que trabalha o tema do consumo responsável), e a presença do primeiro ministro do Québec, que foi uma das maiores conquistas da cúpula, pois o atual governo do Québec costumava não oferecer tanto crédito e apoio à ES quanto o governo anterior. Mas o sucesso da cúpula foi tão grande que o primeiro-ministro decidiu, politicamente, participar, e na sua fala fez vários compromissos, dando com isso enorme força política para a Cúpula e para o movimento de ES do Québec.

Neste mesmo dia, Paul Singer (Secretário Brasileiro de Economia Solidária) e Daniel Tygel (da delegação do FBES) falaram em plenária para as mais de 700 pessoas presentes. A fala versou principalmente sobre a Economia Solidária no Brasil, fala esta que foi muito bem recebida, particularmente por demonstrar um exemplo de sociedade civil em diálogo com o governo federal na construção de políticas públicas de ES.

A cúpula foi precedida por uma “temporada da Economia Social e Solidária” (*Saison de l'Économie Sociale et Solidaire*): durante um ano foram realizados debates nas regiões do Québec e constituídos grupos de trabalho em diferentes temas, com representantes de movimentos, redes, governo, ONGs e sindicatos específicos de cada tema, para elaborarem o documento de subsídio temático à Cúpula.

Com base nestes documentos, na tarde do primeiro dia da Cúpula os participantes se dividiram em grupos de trabalho e tiraram as 3 principais pistas de ação para cada tema, além de afinarem e referendarem as resoluções construídas pelas comissões antes da Cúpula. Durante a noite, os relatores e organizadores do encontro trabalharam sobre os resultados e prepararam a Declaração Final e as apresentações sistematizadas de cada tema para o dia seguinte.

Ao fim da tarde, já em plenária, houve um momento de confraternização com falas na plenária, tendo sido Paul Singer também mais uma vez convidado a falar das políticas públicas brasileiras de Economia Solidária. Daniel apoiou a fala fazendo a tradução de sua fala para o francês.

A manhã do segundo dia foi então dedicada à apresentação dos resultados de cada tema. Ao final de cada apresentação dos relatores do tema, a plenária era convidada a tomar a palavra e fazer comentários, sugestões, adicionar novos compromissos de sua entidade / grupo, para melhorar os documentos. Ao final, os aplausos consolidavam a proposta do tema, e muitos compromissos eram estabelecidos publicamente.

Assim foi tema por tema, até que se chegou, no início da tarde, à carta final do evento, que foi lida, e abriu-se para as colocações dos presentes na plenária. A maioria das falas foram, no início, de manifestação pública de comprometimento do grupo representado com diferentes aspectos ditos na carta. Estas manifestações de compromisso eram afirmações concretas, às vezes até com números e compromissos bem objetivos.

Depois começou a haver manifestação de representações internacionais. Havia representantes de 20 países diferentes, de quase todos os continentes. Daniel fez uma fala em nome da delegação brasileira, da qual um extrato que foi citado várias vezes por Nancy Neamtan (presidente do Chantier) e publicado em jornais pelo Québec.

Ao fim do segundo dia, encerrou-se a Cúpula, de forma emocionante pelo longo tempo de palmas em pé de toda a plenária, acatando os seus resultados. Enquanto isso, os sinos da igreja que ficava ao lado do local do evento começaram a tocar, pois é tradição naquela região do Québec que os sinos toquem quando visitantes queridos vão embora, desejando boa viagem e bom retorno.

A Cúpula ocorreu num Centro Comunitário em um bairro de periferia, muito simples, de Montréal. Este Centro é uma conquista dos moradores, que o mantém com diversas atividades, desde creche a diferentes atividades, cursos, quadra de esportes, entre outras coisas. Todos os serviços do evento (som, infra-estrutura, comida, etc...) foram realizados por empreendimentos solidários, além da participação ativa de 200 voluntários em toda a organização do evento. Os empreendimentos e voluntários receberam também calorosos aplausos da plenária.

Durante a Cúpula havia uma sala para exposição de iniciativas e grupos, e o FBES teve um estande próprio, que foi bastante freqüentado: a delegação brasileira expôs produtos de empreendimentos solidários do Brasil e o caderno a respeito do movimento no Brasil em francês e em inglês.

Um dos grandes resultados da Cúpula foi a participação do movimento cooperativista tradicional, com vários compromissos assumidos de acordos entre as partes. Um reconhecimento efetivo da força do movimento de economia social do Québec.

B.8. Participação na Feira de Economia Social e Solidária

Ao final da tarde do dia 17 de novembro, após o encerramento da Cúpula, foi feita a abertura da Feira de Economia Social e Solidária, no centro antigo da cidade de Montréal, no antigo mercado às beiras do rio. Lá foi lida novamente a carta final da cúpula.

Tratava-se de uma pequena feira, com uns 30 a 50 estandes, cada um com um empreendimento solidário. A delegação do FBES também foi contemplada com um estande para divulgação do FBES e venda de seus produtos, que tinham servido apenas como material de exposição durante a cúpula que se encerrara.

A delegação brasileira participou da feira desde o fim do dia 17 e até o fim da mesma, no dia 18 de novembro. Todos os integrantes da delegação circularam extensivamente por toda a feira, conversando com todos os empreendimentos que lá estavam, e pegando material.

Seguem abaixo algumas características da feira que chamaram a atenção da delegação brasileira e apontaram mais elementos para intercâmbio com o Chantier:

1. Destacava-se o acabamento e disposição dos produtos e do material de divulgação de serviços;
2. O comércio justo era predominante na feira, na forma lojas de venda de produtos do sul certificados, principalmente África, mas também algumas poucas da América Latina. Em alguns casos, estas lojas eram, em si, empreendimentos solidários, o que é muito positivo;
3. Havia duas redes de turismo, mais voltado para o próprio Canadá: uma rede de empreendimentos de camping e outra de “turismo familiar”, o que não existe enquanto tal no Brasil: turismo familiar é um espaço onde há atividades para os pais e para as crianças, com várias atividades que também envolvem ambos. Estas redes são parte de um movimento, e vários de seus empreendimentos são associações (ONGs) sem fins de lucros, que prestam este serviço econômico a preços justos.
4. Havia também dois empreendimentos de serviços em informática, que fazem um bom trabalho de suporte para associações, grupos e cooperativas (principalmente de habitação). Um terceiro era o Insertech Angus, que faz recuperação e venda de computadores usados e novos, que foi visitado por parte da delegação brasileira no dia 16 de novembro.
5. Ainda no setor de serviços havia dois empreendimentos de prestação de serviços de consultoria para outros empreendimentos, na área de planejamento estratégico, plano de negócios e formação, entre outras. Houve interesse por parte da delegação brasileira em conhecer mais este tipo de empreendimento, que praticamente não existe no país, com exceção das cooperativas de assistência técnica rural, mas que normalmente são mais dedicados à produção, e não à comercialização e à autogestão.
6. Havia na feira um espírito de conciliação forte entre três elementos: Economia Social e Solidária; Preservação do meio-ambiente; Consumo responsável. Assim, via-se que a feira não tinha produtos nem copos descartáveis, e que vários empreendimentos trabalhavam lidando com a questão ambiental em mente. O empreendimento *Le Vélo Vert* (“a bicicleta verde”), por exemplo, recupera bicicletas e vende-as usadas. O crativo é que esse empreendimento usa as peças das bicicletas que não podem ser recuperadas para construir peças artísticas muito bonitas e criativas. Outro empreendimento que toca na questão ambiental trabalha com peças artísticas e utilitárias de madeira, usando apenas restos de madeira já descartados. O acabamento e beleza destas peças e sutileza das colagens entre as peças era realmente um destaque.

B.9. Viagem a Abitibi

Nos dias 20 e 21 de novembro, a delegação brasileira foi levada por integrantes do Chantier (Marie Hélène e Charles Guindon) para a região de Abitibi, no Québec, situado a uns 600 km ao norte de Montréal. As principais razões da escolha deste destino foram as seguintes: haveria no dia 21 de novembro uma Feira Regional de Economia Social e Solidária, onde seria possível à delegação brasileira conhecer empreendimentos solidários da região; em segundo lugar, havia o interesse por parte do Chantier em apresentar a Economia Social e Solidária no interior do Québec.

Seguem abaixo os principais pontos desta viagem.

Cooperativa de Desenvolvimento Regional

A primeira parada foi em Val D'Or, em que a delegação brasileira almoçou com o presidente da Cooperativa de Desenvolvimento Regional da região de Abitibi (CDR). A conversa foi muito rica, e versou em torno do cooperativismo e a forma de organização deste setor no Québec.

Mas o que são as CDRs? Cada região tem uma CDR – Cooperativa de Desenvolvimento Regional. Esta cooperativa é uma espécie de base de serviço, que busca promover o desenvolvimento através do apoio técnico para a criação de associações ou cooperativas, e também de estudos e mapeamentos a respeito das potencialidades econômicas da região. Recebe parcialmente recursos do estado, e parcialmente recursos pela própria consultoria às associações, grupos e cooperativas. No caso desta CDR de Abitibi (e o que parece ser o comum para todas as regiões), 30% de seus recursos são do estado, e o restante como fruto de suas consultorias.

Michel explicou que existem no Québec 5 tipos diferentes de cooperativas: as de mutualidades, as de produção, as de serviços, as de consumo e as de solidariedade. A delegação do FBES interessou-se particularmente por este último, por não existir no Brasil: As cooperativas de solidariedade são uma conquista recente (que envolveu mobilização ativa do Chantier) do movimento de economia social do Québec. Trata-se de cooperativas que possuem dois tipos de sócios: os consumidores (ou usuários) e os produtores (ou oferecedores de serviços), e que em muitos casos solucionam problemas comunitários locais. Por exemplo, se uma comunidade não tem um sistema de apoio a idosos, pode-se montar uma cooperativa com idosos e prestadores de serviços ao idoso, que tem como objetivo dar este apoio. Outros exemplos são pontos comerciais (como de produtos éticos ou orgânicos) ou de serviços (como postos de gasolina). Normalmente, cada cooperativa de solidariedade trata de apenas uma atividade, mas o presidente da CDR afirmou que é possível que seja uma cooperativa multi-setorial, com várias atividades. Cooperativas deste tipo tem sido importantes nas cidades pequenas e isoladas, onde a iniciativa privada e o governo acabam não tendo muita penetração: a iniciativa privada costuma montar seus pontos onde seja possível haver resultado de lucro, o que faz com que pequenas cidades não tenham muitas das lojas e serviços que se encontram em cidades grandes. O governo, de maneira parecida, tem seus indicadores de acordo com quantidade de pessoas atendidas por área geográfica, e portanto normalmente constrói pequenos pontos de apoio que direcionam as pessoas para os centros maiores, o que muitas vezes acarreta em burocracia e incômodos de viagens. Assim, uma cooperativa destas, formada pelos próprios usuários em parceria com os oferecedores de serviço / produtos, se torna interessante, pois a comunidade tem esta necessidade concreta, acima de uma necessidade de lucro da atividade. Isso é muito alinhado com a plataforma e carta de princípios da Economia Solidária no Brasil, no sentido de que efetivamente as atividades econômicas tenham a pessoa como centro, e não o lucro.

Quanto à sustentabilidade da CDR, o seu presidente afirmou que 70% de seus recursos são do poder público, e o restante vem dos próprios empreendimentos assessorados pelos serviços prestados pela CDR. A delegação brasileira notou esta relação 30%/70% em várias iniciativas sociais no Québec, principalmente da área de serviços. Por exemplo, uma associação de serviços domésticos a pessoas idosas de Abitibi, com a qual a delegação brasileira teve contato, também recebe 30% do estado e 70% dos próprios idosos atendidos. Este tipo de associação é para idosos que não dão mais conta de fazer toda a manutenção da casa sozinhos. Entretanto, uma parte destes 70% vem indiretamente do Estado, pois o poder público subsidia os idosos a pagarem por estes serviços.

No caso da CDR, Michel explicou que esse outro apoio indireto do governo também ocorre: um grupo, associação ou cooperativa que queira ter sua consultoria, ao declarar ao governo este interesse, ganha um recurso de subsídio para esta contratação.

O debate também tratou das CDRs e das políticas de desenvolvimento regional no Québec, tanto governamentais quanto da sociedade civil, e das principais atividades econômicas da região de Abitibi. Michel comprometeu-se a enviar para a delegação brasileira material detalhado sobre a estrutura e funcionamento da CDR e o movimento de economia solidária na região.

Cooperativa florestal de Rouyn Noranda

Após este almoço, o grupo seguiu viagem até a cooperativa florestal de uma cidadezinha próxima a Rouyn Noranda, que tem um papel importantíssimo para este vilarejo: praticamente toda a população da cidade tem sua subsistência garantida graças a esta cooperativa, que foi iniciativa local, quando o próprio governo estava propondo o fim do vilarejo.

As principais atividades da cooperativa são de produção de tomates e mudas de pinheiros para reflorestamento. Tudo isso é feito em estufa, sendo que os tomates são hidropônicos (uma hidroponia diferente da que o grupo conhecia, pois é em meio sólido, ao invés de dentro d'água, sendo que os nutrientes vêm todos pela água depositada nesse substrato sólido).

Foi muito interessante a visita: a delegação brasileira conheceu a forma de produção, onde o que se destacou foi o nível de mecanização (mecânica e computadorizada) do sistema. Por exemplo, os tomates colhidos são automaticamente limpos e selecionados em caixas diferentes por peso, tamanho e cor, tudo por uma máquina computadorizada. O mesmo valia para a colocação do selo e para o processo de semeadura das mudas de pinheiros.

Assembléia do Pólo de Economia Social de Abitibi

À noite a delegação brasileira chegou a Rouyn Noranda, uma cidade importante da região de Abitibi principalmente pela mineração de cobre e ouro. Uma gigantesca indústria de mineração destaca-se na paisagem da cidade, mesmo à noite.

Nesta mesma noite, a delegação brasileira participou enquanto ouvintes da Assembléia do Pólo de Economia Social de Abitibi. Além de outros pontos de debate internos à região, Charles, integrante do Chantier que estava acompanhando o grupo brasileiro, apresentou a situação de implantação da Fiducie, a nova linha de finanças solidárias no Québec, idealizada pelo Chantier, com um fundo de 60 milhões de dólares. Charles apontou a diferenciação desta linha com relação às demais linhas de finanças solidárias existentes no Québec, e as pessoas presentes fizeram muitas perguntas. A maioria dos participantes eram empreendimentos, mas havia também representantes de prefeituras e de entidades de apoio.

Durante a assembléia, a delegação brasileira foi citada diversas vezes e ressaltada a parceria entre o FBES e o Chantier.

Feira regional de Economia Social de Abitibi

No dia seguinte à assembléia, ocorreu a I Feira Regional de Economia Social de Abitibi, que era voltada principalmente à efetivação de encontro dos atores da ES da região, mais do que à comercialização. Houve vários seminários, apresentação de teatro, duas oficinas de formação, que ocorreram paralelamente, e a própria feira.

Os empreendimentos e entidades tinham estandes em que apresentavam seus trabalhos, e havia locais reservados para que fosse possível fazer-se negociações tanto no sentido econômico como no de parceria entre os atores presentes no evento.

A delegação brasileira era considerada como convidada de honra do evento, e muitos contatos riquíssimos foram estabelecidos: foi um grande momento de trocas e aprendizados mútuos. Havia clara diferença entre os empreendimentos e as pessoas da região de Abitibi comparados à região de Montréal, pela hospitalidade, simplicidade, calorosidade e simpatia.

Havia empreendimentos principalmente da área florestal (reflorestamento, corte de madeiras, produção agrícola), mas também da marcenaria (lindos artefatos de madeira – um empreendimento de inserção), de assessoria (destacou-se uma cooperativa de prestação de serviços de formação em diversos campos, como gestão, administração, tratamento de conflitos, entre outros), de consumo ético, entre outros.

A delegação brasileira interessou-se também pelo estande de uma associação que faz trabalhos com os índios canadenses: há 13 etnias no Canadá, que se diferenciam entre Ameríndios e os povos do gelo, dos quais os mais conhecidos são os Inuits, também conhecidos como esquimós.

As oficinas oferecidas foram duas, ao mesmo tempo: uma sobre marketing, e outra sobre princípios e conceitos de Economia Social e Solidária. O interesse maior da delegação brasileira foi pela segunda, e por isso 4 de seus integrantes participaram da mesma, sendo que o quinto participou da oficina sobre marketing para que a delegação estivesse representada em ambas.

A oficina conceitual foi ministrada por Marie Hélène (do Chantier), e foi um dos momentos importantes da visita da delegação brasileira ao Québec, pois permitiu a seus integrantes conhecerem com mais detalhamento como o movimento de ES do Québec concebe a ES. Neste sentido, destacou-se fortemente a existência de muitos pontos parecidos com os pontos de vista construídos pelo movimento brasileiro, particularmente a concepção da ES como perspectiva de transformação social e política, ou seja, uma perspectiva diferenciada de desenvolvimento.

No almoço deste dia, apresentou-se um grupo de teatro de jovens, que fazem o que é uma verdadeira moda no Québec: o “teatro do improviso”. Há competições e ligas em todo o Québec neste “esporte cultural”, que é basicamente o seguinte: Há equipes de atores, que recebem um tema sobre o qual devem fazer uma peça, com tempo de uns 3 minutos para pensar, e a maior parte se desenvolve ali mesmo no palco, no improviso. Exige muita capacidade criativa e integração das equipes. Foi divertido, e os temas colocados para o grupo foram basicamente ligados a diferentes aspectos da economia social.

Definitivamente, foi muito importante a delegação brasileira ter ido tão longe ao interior do Québec. O único ponto negativo foi o curto tempo da visita: havia interesse de conversar mais com os atores locais, conhecer mais de suas histórias, conflitos, parcerias e formas de organização, mas o tempo em que a delegação esteve lá foi muito bem aproveitado.

B.10. Reunião final com o Chantier – Avaliação e Prioridades

No dia 22, de 12h às 15h30, foi realizada a reunião final entre a delegação brasileira e o Chantier. Da parte do Chantier estavam presentes a presidente Nancy Neamtan, Charles Guindon e Marie Hélène.

A reunião foi dividida em dois blocos principais: uma avaliação da visita da delegação; e um debate sobre a continuidade da parceria FBES e Chantier: quais temas serão aprofundados na parceria? Onde é possível o maior aprendizado de ambos os parceiros?

Na parte de avaliação ficou muito clara a importância da visita, e também de que um ciclo de aproximação entre FBES e Chantier com ela encerrou-se, restando agora a tarefa de aprofundamento vertical nos tópicos que são de maior interesse e onde cada país pode contribuir com maior riqueza. Também saiu como consenso que o tempo em Abitibi poderia ser maior, pois foi muito rica a troca com atores locais do interior do Québec.

Durante a avaliação foi dito inúmeras vezes que a Cúpula organizada pelo Chantier foi um grande sucesso, e coincidentemente ocorreu logo depois da conferência brasileira de ES que também foi um grande sucesso. Neste sentido, foi simbolicamente importante o fato de que ambas as redes – Chantier e FBES – terem presenciado e participado destes momentos históricos em cada país.

A partir da avaliação realizada, partiu-se para o segundo momento da reunião: determinar as prioridades de aprofundamento da parceria na continuidade da mesma, tanto no projeto como para além dele.

Foi tirado um conjunto de prioridades, reproduzidos abaixo. Destas, as três primeiras foram tomadas para serem o início dos trabalhos. Cada parte se comprometeu a definir os documentos de cada tema disponíveis por cada rede, para a realização de traduções para subsidiar o intercâmbio.

Finanças solidárias

- Cooperativas de crédito
- Redes
- Ferramentas e indicadores de crédito para empreendimentos solidários

- Fundos solidários
- Bancos comunitários e moedas sociais

Comercialização

- As feiras estaduais de Economia Solidária no Brasil (organização, os empreendimentos participantes)
- Cadeias produtivas entre empreendimentos solidários
- Portal e mapeamento realizados pelo Chantier

Formação

- Experiência de formação de gestores públicos no campo de finanças solidárias, realizada pelo Chantier;
- Experiência de formação dos analistas do RISQ, realizada pelo Chantier;
- Intercâmbio sobre metodologias de formação em Economia Solidária, a partir das experiências de cada rede.

Estruturas organizacionais

- Fóruns estaduais e brasileiro de Economia Solidária
- Organizações setoriais e pólos regionais do Chantier
- Desenvolvimento Territorial (indicadores, iniciativas, mapeamentos e estruturas)

Marco Legal

- Associações civis sem fins lucrativos (as OSBL do Québec, que podem realizar atividades econômicas)
- Comparação de diferentes legislações do cooperativismo, com destaque às cooperativas de solidariedade (“coops de solidarité”, existentes no marco legal do Québec)

Pesquisa

- Articulação entre a Aliança entre Universidade e Comunidade de Pesquisas em Economia Solidária (ARUC-ÉS, do Canadá) e as redes universitárias brasileiras que lidam com a Economia Solidária (Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, e Rede Unitrabalho)

Políticas públicas

- Documento realizado pelo Chantier com propostas de políticas públicas para o governo canadense;
- Intercâmbio das políticas voltadas à ES existentes no Québec e no Brasil;

Podemos dizer que, sem dúvidas, a visita foi um sucesso. Mas o sucesso da visita traz consigo uma responsabilidade por parte do FBES e do Chantier, que é o aprofundamento dos vínculos traçados, para que possamos partir para outro patamar.

C. Relato da visita da delegação canadense ao Brasil em maio de 2007

Entre os dias 9 e 15 de maio de 2007, Nancy Neamtan (coordenadora e diretriz geral do Chantier) e Thérèse Sainte-Marie (vice presidente do Conselho de Administração do Chantier) vieram ao Brasil para a realização da segunda parte do projeto FBES-Chantier.

Mais uma vez, a etapa foi muito proveitosa, com resultados concretos e aprofundamento dos intercâmbios entre FBES e Chantier.

C.1. Participação de Nancy Neamtan e Thérèse Sainte-Marie na VII Reunião da Coordenação Nacional do FBES

Nancy e Thérèse participaram, no dia 10 de maio, do último dia de reunião da Coordenação Nacional do FBES, composta por 97 pessoas dos 27 estados do país, dentre os quais 54 pessoas são representantes de empreendimentos solidários. Um período da reunião foi dedicado ao diálogo entre os atores, e foi de uma grande riqueza: perguntas e debates foram feitos sobre a forma de organização da economia solidária no Brasil e no Québec; sobre as formas jurídicas de empreendimentos solidários no Québec; sobre a participação de outros movimentos, tais como o ambiental e o de mulheres; sobre formação; sobre finanças solidárias; entre outros assuntos.

Abaixo segue um relato resumido deste debate:

Relações internacionais em Economia Solidária

Fala de Rosemary Gomes

O FBES esteve no FSM/ 2007 com uma delegação de três pessoas (Ary Moraes, Sandra Praxedes e Rosemary Gomes). Outros brasileiros que atuam na ES participaram do FSM, sendo que houve reunião com esta delegação brasileira, reunindo quase 20 pessoas.

A oficina e seminário do FBES aconteceram. Também aconteceu uma reunião interredes, reuniões com IFAT e duas oficinas junto com o FACES. Uma oficina sobre o Sistema Público de comercialização e outra sobre cadeias produtivas. Estas atividades tiveram a participação do MST. Os eventos não foram lotados mas foram ricos.

Interesse dos africanos: comércio e políticas públicas, como o Estado ser um regulador de mercado. Trocamos informes e material com os africanos.

Houve avanço nas reuniões de redes em relação a outros eventos. No Quênia conseguimos encontrar muitos africanos. Teve menos representação da AL, mas muitos da África. Participação de gestores públicos de outros países.

Tiramos um plano de trabalho comum neste FSM. O quarto dia foi par as confluências, como ES faz desde a Venezuela. Neste dia havia um eixo sobre novas economias, dividido em dois blocos: comércio comunitário e comércio justo e as redes da ES.

Contexto: Estar na África sem entender o idioma foi muito difícil. Durante o FSM, o transporte mais caro, comida mais cara. O evento criou uma economia para o setor privado e isto foi chocante para latinoamericanos e europeus. Havia dificuldade de estrutura, pois o ginásio não era um local adequado para as atividades.

Percebemos uma afinidade da África e a AL em discutir economia popular e ES, capacidade de produção, garantia de consumo. AL tem dificuldade de organizar o consumo, reconhecendo o ato de consumo como ato político.

Temas da agenda

Em 2008 haverá mobilizações, não um evento do FSM. As mobilizações do Eixo 21 serão conduzidas pelas articulações de MS locais. FBES mais 58 organizações assinaram a carta que define que em janeiro haverá a ação para Consumo responsável. FBES terá que definir a dinâmica destas ações para os dias 26 e 27 de janeiro/ 2008, sendo que a ação deve ser a semana inteira pelo mundo

Fórum das Américas: FBES tem que decidir se vai participar.

RIPESS: Representante da AL no FSM, levando o debate das redes AL. Foi elaborado um Plano de Trabalho que foi levado para confluência.

Colocar em rede as redes nacionais, finanças, comércio ou gênero que debatam a ES. Na reunião de Havana: Rose assumiu a responsabilidade de montar o plano de enredamento junto com uma companheira. Agora será enviado para conselho da RIPESS.

Foi elaborado um plano intercontinental RIPESS: promover serviços e incidências políticas. Em Havana decidiu-se que a RIPPESS não vai buscar se destacar no FSM, pois não tem condições de acompanhar a dinâmica do comitê do FSM.

Promoção: programa de promoção (fomento, capacitação, formação) da ES nos continentes. CAP ECOSOL (ver site). Há possibilidade de criar um programa para AL.

Debate com a plenária

Leni: Por que o FSM não coloca o esperanto como língua oficial.

Rose: Não acompanho o Babels, a adoção do esperanto como língua oficial foi discutida no início do FSM, mas não havia recursos para formar pessoas e nem para contratar quem conhece a língua, o trabalho de tradução no FSM acontece porque muitos são voluntários. Nesta edição havia poucos tradutores, algumas atividades tinham tradução, por exemplo a Via Campesina conseguiu traduções.

Lenivaldo: Como percebe a ES nos FSM e a participação do FBES? Como está a questão de pleitear vaga do FBES no comitê nacional?

Graciete: Qual a avaliação da articulação da questão de gênero no FSM.

Rose: No documento do FSM que fala do plano de ação de 2008, o lema da campanha outro mundo é possível e está em construção. É um diálogo com as nossas campanhas.

Nas edições do FSM de POA sempre houve uma presença muito forte de empreendimentos. Hoje se questiona porque produtores de outros países não participam. Quando tem limitação de recursos tem que ter força política.

Isto tem mudado a articulação com outros segmentos. Se identificou ES, Comércio Justo, mulheres realizando atividades nos mesmos horários, sem conseguirmos fazer interlocução. Agora vamos inscrever menos oficinas para participar dos outros eventos. Não dá mais para trabalhar fragmentado. Qual é o papel da mulher na ES e nas políticas públicas? Precisamos conversar com as redes de mulheres.

Faz ver que somos cidadãos internacionalistas, acrescenta muito para o movimento.

Comitê do FSM: foi feito convite à Cáritas para integrar o Comitê. O Comitê entende que como a Cáritas já o integra, está resolvido. Temos que solicitar formalmente a entrada. Não fomos à reuniões aberta e não seguramos a vaga.

Diálogo com Chantier de l'Économie Sociale do Québec

Pessoas da plenária da reunião destacam que a mesa agora está composta por mulheres. Foram entregues os presentes para para Nancy e Thérèse, produtos dos empreendimentos solidários presentes. As duas agradeceram e afirmaram que levarão os presentes para a reunião com o conselho de administração do Chantier quando retornarem.

Fala de Nancy Neamtan e Thérèse Ste. Marie (Chantier)

Nancy e Terese apresentam o Chantier, sendo que o conteúdo de suas falas está na placa que entregam à Secretaria do FBES. O que Nancy fala está no documento (em anexo a este relatório).

O Chantier nasceu no Canadá em 1996, resultado da luta do movimento desde 1980. Mesmo morando num país rico viveram problemas comunitários e de pobreza. A partir dos anos 80 os movimentos sociais contestaram e fizeram ações conjuntas na criação de empregos e habitação popular. No Québec 40 % da mão de obra faz parte dos sindicatos, sendo que estes trabalhadores começaram a criar fundos. Também no meio rural houve iniciativas, assim como o movimento de mulheres com a marcha em Québec, em 1995, pressionou para que houvesse investimentos na ES.

Neste contexto, em 1996, foi realizada uma conferência sobre trabalho e emprego, na qual se criou o Chantier. Há uma confluência de movimentos, redes e organizações que trabalhavam com cooperativas e economia social para a criação do Chantier. A primeira batalha foi a luta para que se reconhecesse a economia solidária como parte integrante da economia de Québec, que contribui para o desenvolvimento das comunidades locais e regionais, sendo que as mesmas ferramentas que se utilizavam na economia formal poderiam ser utilizadas na ecosol. Atualmente, cada vez que se fala de política econômica tem que se considerar o papel da ES. Os empreendimentos deveriam ter os mesmos ferramentas que se dá para pequenas e médias empresas. Tem-se o discurso que as empresas são independentes, mas isto não é verdade.

O trabalho do Chantier é o reconhecimento da Economia Social dentro da economia de Québec, promover esta economia e contribuir para que esta economia possa se consolidar, lutar para que o governo dê apoio à redes de certos setores econômicos e o próprio Chantier atua com ações de apoio à redes.

No primeiro momento o Chantier organizou-se por setores, depois em forma regional e agora tem os pólos que são semelhantes aos fóruns estaduais. O conselho de administração é formado por representantes de pólos regionais e representantes de lutas. Para a representação dos pólos considera-se os produtores e as organizações de fomento.

Há duas ferramentas financeiras: uma fundada em 1957 (?) que financia empresas coletivas e a Fiducie, um “fundo paciente” que tem até 15 anos de carência, sendo que os recursos ficam sob controle do Chantier e dos movimentos. “São os povos e os movimentos que devem controlar as finanças e não as finanças que devem controlar os povos.”

Daniel esclarece: 32 pessoas trabalham com a administração do Chantier e o comitê executivo conta com 9 pessoas. Pelo menos 3 vezes por ano reúnem-se as regiões. Conselho de Administração se reúne seis vezes por ano. O Comitê Executivo são voluntários e eleitos.

Grandes desafios que tem a Economia Solidária no Québec

Depois de 10 anos de Chantier fizeram um balanço e tomaram medidas para o avanço da ES. Sabe-se que há muitos desafios, mas os dois maiores são: aproximação entre as dimensões social, econômica e, para os próximos anos é fundamental, a questão ambiental. Mobilização é o segundo elemento, levando em conta em nível internacional. Comercialização é outro desafio, como construir o acesso ao mercado, a melhoria das condições de trabalho permanente, o acesso ao capital - mesmo com avanços necessitam captar mais recursos, fortalecimento das redes de ecosol. Finalmente ter sempre presente a visão da transformação da sociedade e do modelo de desenvolvimento do país.

Debates com a plenária

1. Qual o nível de produção, o resultado de participação no PIB de Québec?

Nancy e Thérèse: Quando falamos de ES falamos de pontos específicos, por eles um empreendimento de ES é de propriedade e controle coletivo, administrado coletivamente, com uma missão de serviços para a comunidade, que respeita o princípio da superioridade das pessoas sobre o capital, empoderamento coletivo. Existem vários tipos de cooperativas, entre elas as de trabalho, de produtores onde eles trabalham em conjunto, cooperativas de consumidores, de trabalhadores acionários, ou ainda coletivos de trabalhadores de empresas privadas que comprem ações. O objetivo é o controle da empresa. Nos últimos 10 anos surgiram as cooperativas de solidariedade, que têm raízes verdadeiramente na comunidade local, nessas cooperativas que são para trabalhos na comunidade local podem ter pessoas que trabalham nas entidades de apoio não ultrapassando 1/3 do grupo. Existem Ong's (associações) que podem realizar atividades comerciais e são empreendimentos comunitários de ES. Elas podem criar benefícios sem poder distribuir para os membros, necessitam ir para as comunidades. Os membros dessas associações não são remunerados. Existem mais de 800 creches que se organizam em redes e recentemente criaram uma cooperativa para compras para as creches que, por sua vez, favorecem a compra de produtos de empreendimentos e fazem parte dos pólos regionais de ES.

2. *Como trabalha com segmentos de gênero e etc?*

3. *Como tem sido o movimento de mulheres e qual perfil dessas mulheres?*

4. *Os empreendimentos liderados por mulheres tem a divisão social do trabalho?*

Nancy e Thérèse: No que diz respeito à representação das mulheres há paridade entre homens e mulheres. É verdade que as mulheres estão em diferentes atividades de ES. No início existiam duas tendências: uma que devia concentrar-se para emprego para mulheres e outro dizia era uma alternativa mais ampla de trabalho. Atualmente esta segunda posição que predomina.

5. *O Québec tem características próprias dentro do Canadá, tendo uma população de 7 milhões e sendo a única região francófona. Sobre as características da ES no Québec: quais são os empreendimentos, como estão distribuídos e qual o percentual de empreendimentos familiares e coletivos?*

Nancy e Thérèse: As cooperativas estão surgindo agora focadas no respeito a natureza, muitas pessoas que fazem a relação entre o meio urbano e essas cooperativas.

6. *Dimensões gerais de cooperativismo e autogestão: como está nesse modelo de cooperativismo?*

7. *A ES é um movimento social ou de articulação?*

Nancy e Thérèse: É um movimento social muito forte, e o que define é essa visão de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Leni (RO)

Nancy e Thérèse: Não devemos mais utilizar o termo mão-de-obra, pois não somos apenas mãos mas cérebro-de-obra.

Seguimento do debate

Este debate está disponível publicamente no relatório completo da VII reunião da Coordenação Nacional, incluindo o documento produzido pelo Chantier que foi traduzido e entregue aos participantes da reunião em suas pastas desde o início, no dia 7 de maio. Esta reunião da Coordenação Nacional acabou sendo um marco, tanto pela presença do *Chantier* como pela participação do Ministro do Trabalho e Emprego (Carlos Lupi), da Secretária de Articulações institucionais do MDS, Helena Kátia, e do Secretário de Desenvolvimento Territorial do MDA, Humberto Oliveira.

Além disso, a Coordenação Nacional do FBES participou do lançamento da **Frente Parlamentar de Economia Solidária**, ocorrida no dia 8 de maio. Todos estes diálogos estão relatados no relatório da VII Reunião da Coordenação Nacional (em “biblioteca” dentro da página do FBES, www.fbes.org.br).

C.2. Reuniões temáticas entre FBES e Chantier

A partir de então, entre os dias 11 e 13 de maio, o FBES organizou uma série de reuniões com lideranças e representantes brasileiros nos três principais temas de intercâmbio FBES-Chantier, resumidas a seguir.

Comercialização em Economia Solidária

A primeira reunião contou com a presença de Rosemary Gomes, do Rio de Janeiro (FACES do Brasil / Fase Nacional / FBES); Shirlei Almeida, Brasília/DF (Instituto Marista de Solidariedade / FBES); Sebastiana Almire, de Campo Grande/MS (Central de Comercialização Solidária / FBES); e Gildene Carvalho, de Palmas/TO (UNICAFES / FBES).

Rosemary Gomes apresentou a situação do desenvolvimento do Sistema Brasileiro de Comércio Justo e Solidário, que regulamentará a garantia/certificação de produtos da Economia Solidária e comercialização dos mesmos. Esta Instrução Normativa, que está sendo construída por um Grupo de Trabalho multi-ministerial (MTE, MDA, MDS, MMA) com a presença da sociedade civil (FBES, FACES, Eco-Jus, entre outros), possui uma série de características inovadoras, dentre as quais vale destacar a inclusão da certificação participativa como uma das formas de garantia. Este tipo de certificação, de caráter horizontal e altamente democrático, é uma tecnologia social que tem sido desenvolvida com sucesso no campo dos produtos orgânicos, com maior expressão na Rede Ecovida, que envolve os três estados do Sul do país.

Sebastiana Almiré contextualizou os debates de comercialização que estão se dando no seio do movimento de Economia Solidária, e apresentou a experiência da Central de Comercialização Solidária de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Esta experiência possui como característica inovadora o fato de ser totalmente administrada pelas/os trabalhadoras/es de empreendimentos solidários que, em rodízio, ficam na loja. Sebastiana contou dos sucessos e dificuldades desta experiência, e de como a loja, com seu caráter comercial, tem servido como alavanca para processos formativos dos/as trabalhadores/as dos empreendimentos solidários e da organização de núcleos comunitários de Economia Solidária nos bairros e no interior do estado, além de possibilitar um diálogo direto entre pessoas do meio urbano e rural no cotidiano da loja.

Gildene Carvalho, por sua vez, contou sobre o esforço que vem sendo feito pela Unicafe e outras entidades representativas de empreendimentos solidários no país em construir cadeias produtivas solidárias, em que se destacam: a cadeia do algodão orgânico (Justa Trama), a do mel (Rede Abelha e Rede Xique-Xique), da semente (no norte do país), entre outras. As cadeias produtivas solidárias têm como principal característica a compra interna entre empreendimentos solidários, buscando fechar a cadeia de insumos de determinado produto apenas com produção de empreendimentos solidários.

Shirlei Almeida apresentou o Programa Nacional de Feiras Estaduais de Economia Solidária: a metodologia, o termo de referência, as formas de execução e o processo de participação das/os trabalhadoras/es de empreendimentos no processo.

Nancy e Thérèse apresentaram, por sua vez, as experiências do Chantier no campo da comercialização, com especial destaque ao Portal de Economia Social e Solidária (que oferece, além de serviço de compras diretas na internet, uma plataforma de diálogo e organização dos empreendimentos solidários por ramo econômico no país); os processos de compras coletivas (por exemplo a organização dos Centros de Pequena Infância numa grande cooperativa de compras, que privilegia a compra de outros empreendimentos solidários); e as organizações por ramos de atividade, tais como as *Ressourceries*, entre outras.

Depois das apresentações, o debate se deu em torno das possibilidades de aprofundamento da parceria neste tema. Estas propostas e outras das outras reuniões encontram-se na seção 3 deste documento, em que são apresentados os temas das Fichas-Síntese que serão elaboradas pelo Chantier e pelo FBES ainda dentro deste projeto para uma publicação.

Formação em Economia Solidária

Nesta segunda reunião estiveram presentes, pelo Brasil: Clóvis Vaillant, Cáceres/MT (Rede Universitária Unitrabalho / FBES); Ana Dubeux, Recife/PE (Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares / FBES); e Adriana Carneiro, Rio de Janeiro/RJ (CEDAC / FBES).

Clóvis e Ana apresentaram o trabalho das Incubadoras Tecnológicas no Brasil, desde o seu histórico até a sua abrangência, capilaridade e as metodologias utilizadas no processo, incluindo a relação institucional com a universidade e o mundo acadêmico.

Adriana apresentou o contexto de formação em Economia Solidária no Brasil, com destaque ao processo de debates que tem ocorrido há dois anos em oficinas estaduais, regionais e nacionais sobre Formação em Economia Solidária, sendo que a última Oficina Nacional ocorreu no início deste ano, e resultou na perspectiva de criação de uma Rede Nacional de Formadores em Economia Solidária, proposta aprovada em seguida durante a reunião da Coordenação Nacional do FBES. Adriana também apontou as diretrizes metodológicas brasileiras no campo da formação em ES, indicando o forte componente e inspiração da Educação Popular e metodologias participativas.

Nancy e Thérèse apresentaram o contexto de ações para formação no Chantier, principalmente no processo de Formação de Mão-de-obra, em que o Chantier está muito envolvido, e no desenvolvimento de metodologias e publicações formativas especialmente na Formação em

Gestão e Administração de empreendimentos solidários, campo em que têm maior expertise e que no Brasil é uma necessidade muito grande.

Após as apresentações, durante os debates, surgiram também muitas propostas de continuidade do intercâmbio neste campo, que também aparecem nas propostas de Fichas-Síntese, mas que, além disso, apontaram as perspectivas concretas de continuidade da parceria para além do projeto.

Finanças Solidárias

Desta reunião participaram: Sandra Magalhães, Fortaleza/CE (Banco Palmas / FBES); Ademar Bertucci, Brasília/DF (Cáritas Brasileira / FBES); e Shirlei Almeida, Brasília/DF (Instituto Marista de Solidariedade / FBES).

Ademar e Shirlei apresentaram um panorama das várias ferramentas de finanças solidárias existentes no Brasil (cooperativas de crédito, fundos rotativos, micro-crédito solidário e bancos comunitários), e Ademar, em seguida, aprofundou a apresentação sobre os Fundos Rotativos no Brasil, que são fundos repassados para comunidades fazerem a gestão: a própria comunidade decide quem recebe o crédito e as condições de pagamento de volta à comunidade, que pode ser em moeda ou em produtos. Este recurso fica então rodando entre os participantes da comunidade, por isso o nome Fundo Rotativo.

Sandra apresentou os Bancos Comunitários, outra criativa iniciativa, desta vez tendo como protagonista as associações de moradores, que fazem os repasses a pessoas da comunidade ou bairro com critérios de aval solidário, e que emitem a moeda social que só circula no bairro e com isso potencializa a economia local.

Thérèse e Nancy apresentaram inicialmente um panorama das ferramentas de crédito a empreendimentos solidários existentes no Québec, uma quantidade muito grande, com riquíssimo histórico e grande conhecimento acumulado. Em seguida, centraram a apresentação em alguns fundos específicos: os fundos locais para o desenvolvimento local; o Risq (Rede de Investimento Social do Québec), que tem vasta experiência em crédito para empreendimentos solidários, incluindo o desenvolvimento de critérios compatíveis à realidade de empreendimentos solidários, o que é um elemento muito importante para o movimento brasileiro aprender. Por fim, apresentaram a “Fiducie”, um fundo de investimentos e de “capital paciente”, de CA\$60 milhões, que prevê créditos maiores com carência de 15 anos, e um processo de quotas-parte por investidores, sempre preservando a maioria do Conselho de Administração do Fundo com o movimento de Economia Solidária do Québec, representado pelo Chantier.

Seguiu-se um debate intenso sobre as finanças solidárias e os vários desafios nos dois países, incluindo desafios relacionados a questões de marco legal e das necessidades existentes dos empreendimentos solidários e a relação com o sistema financeiro tradicional, que não dá conta destas necessidades.

D. Seminários Regionais rumo à IV Plenária Nacional do FBES

D.1. Relato

O adiamento da data da Plenária Nacional para março de 2008 possibilitou a organização da “Caravana Rumo à IV Plenária Nacional”, que consistiu na realização, em agosto e início de setembro, de 5 Seminários Regionais em todas as regiões do Brasil.

Estes seminários tiveram como objetivo principal mobilizar, capacitar e preparar as comissões organizadoras estaduais para a realização das plenárias, seminários e oficinas microrregionais e estaduais em seus estados.

Para isso, o documento-base da IV Plenária Nacional era o principal material disponibilizado com antecedência a todas/os as/os participantes, e um dos resultados esperados era que houvesse uma compreensão aprofundada e detalhada do mesmo.

Para conduzir e facilitar os debates em torno das bandeiras e do planejamento estratégico, em cada seminário foram convidados especialistas e lideranças reconhecidas em cada um dos quatro eixos temáticos (*Formação em ES; Produção, Comercialização e Consumo Solidários; Marco Legal; Finanças Solidárias*) e do eixo agregador (*Economia Solidária e Desenvolvimento*). Estava disponível aos/às participantes a totalidade de deliberações do movimento de Economia Solidária desde 2003, organizada por evento e tema (ver www.fbes.org.br/plenaria2008).

Já para o apoio aos debates políticos e estratégicos a respeito da estrutura e organicidade do movimento de Economia Solidária no país, havia a presença de pelo menos um(a) representante da Coordenação Executiva do FBES em cada seminário.

O público presente nos seminários foram as/os representantes dos Fóruns Estaduais da Coordenação Nacional do FBES de cada região (3 por estado, sendo 2 trabalhadoras/es de empreendimentos solidários e 1 de entidade de apoio ou poder público municipal ou estadual); os/as representantes de entidades/redes nacionais da Coordenação Nacional (são hoje 16 entidades e redes nacionais presentes na coordenação do FBES); e a “pessoa-ponte” (1 representante por estado, que faz a ponte entre a Comissão Organizadora Nacional e as respectivas Comissões Organizadoras Estaduais).

Cada seminário contou com uma coordenação própria e distintas metodologias de trabalho, sempre contemplando ao menos os seguintes momentos, durante três dias:

1. Capacitação para compreensão do documento-base, método de trabalho das plenárias estaduais e resultados esperados das mesmas (incluindo o uso dos instrumentos de sistematização das plenárias estaduais constantes no documento-base);
2. Debate e aprofundamento do eixo agregador e dos quatro eixos temáticos (apropriação e conhecimento das principais bandeiras e conteúdos de cada eixo);
3. Debate e aprofundamento sobre o movimento de Economia Solidária no país e sua organização e estruturação através do FBES (debate sobre natureza e estrutura do FBES e sua vinculação com os Fóruns Estaduais e microrregionais)
4. Planificação das atividades preparatórias a cada plenária estadual (foi decidido que não poderia haver plenária estadual sem atividades preparatórias, tais como seminários, encontros microrregionais, grupos de estudos, entre outras) e articulação na macrorregião;
5. Troca de experiências e estratégias adotadas por cada Fórum Estadual para superar os desafios de articulação da Economia Solidária em seu estado;
6. Deliberação de propostas de modificações ou adição de novos eixos ou temáticas;
7. Atividades culturais típicas do local do encontro para partilha e descontração.

A Secretaria Executiva Nacional do FBES garantiu a infraestrutura, logística e base operacional dos seminários.

D.2. Principais resultados alcançados

A série de 5 seminários regionais, codenominada “Caravana Rumo à IV Plenária de ES”, superou consideravelmente as expectativas iniciais, que se restringiam muito mais ao âmbito técnico e formativo. Dentre os resultados qualitativos e intangíveis, destacaram-se os seguintes:

- O aspecto simbólico de integração e organicidade nacional na sua diversidade (um mapa do Brasil foi sendo construído ao longo dos encontros);
- a força mobilizadora;
- o entusiasmo gerado;
- as idéias e proposições;
- o envolvimento do Chantier na preparação dos seminários e a presença de um representante num dos mesmos (Nordeste);
- os testes quanto à qualidade do documento-base e validação do mesmo;
- a riqueza dos debates que acarretou um aprofundamento efetivo da compreensão a respeito dos quatro eixos temáticos e do eixo agregador;
- o fortalecimento da articulação entre os empreendimentos e entidades em cada região.

Estes são os principais resultados qualitativos que consolidaram uma base efetiva para a realização dos eventos intra-estaduais e estaduais que hoje estão em curso e terminam ao fim de janeiro de 2008.

Neste sentido, a Caravana teve um papel chave na construção da IV Plenária Nacional, contribuindo assim com a consecução dos objetivos deste projeto de parceria FBES e Chantier, dando um salto de qualidade ao processo.

Charles Guindon, do Chantier d'Économie Sociale, participou em um dos seminários (nordeste), e com isso contribuiu muito a partir da experiência do movimento em seu país, em particular nos temas: Formação em Economia Solidária; Produção, Comercialização e Consumo Solidários; e Finanças Solidárias. Além disso, participou de entrevistas a rádios e jornais locais, contando da parceria e da dimensão internacional do encontro.

Outro destaque foi a localização dos seminários do nordeste e do centro-oeste: no caso do nordeste, o empreendimento solidário Harmonia, uma Usina de Açúcar recuperada pelos trabalhadores há mais de 10 anos; e no centro-oeste a Central de Comercialização Solidária, uma loja no centro de Campo Grande mantida de maneira autogestionária pelos próprios empreendimentos solidários da região.

O quadro abaixo mostra de maneira resumida a abrangência do público beneficiado direta e indiretamente pelos seminários. A quantidade de empreendimentos solidários e entidades de assessoria indiretamente beneficiadas é calculada pelo número dos mesmos que fazem parte dos Fóruns Estaduais de cada região, e que são o público com o qual as/os participantes dos seminários vão trabalhar para as atividades preparatórias para as plenárias estaduais.

<i>Região</i>	<i>local do seminário</i>	<i>público capacitado (multiplicadores beneficiados)</i>	<i>empreendimentos solidários indiretamente beneficiados</i>	<i>entidades de assessoria indiretamente beneficiados</i>
Sudeste	Juiz de Fora (MG)	24	192	69
Sul	Florianópolis (SC)	16	824	95
Centro-Oeste	Campo Grande (MS) – Central de Comercialização Solidária	22	422	53
Nordeste	Usina Catende (PE) – Cooperativa Harmonia	48	745	163
Norte	Manaus (AM)	30	252	88
TOTAL		140	2435	468

Tabela 1: Quantidade de pessoas, empreendimentos solidários e entidades beneficiadas direta e indiretamente

Como resultados quantitativos e mensuráveis, citamos abaixo os principais:

- Caderno de aprofundamento aos debates rumo à IV Plenária Nacional: publicação de mais de 80 páginas em formato de livreto, com o objetivo de subsidiar as Plenárias Estaduais em grupos de estudos e trabalho e complementar o documento-base. Este caderno traz os acúmulos, conquistas e principais desafios de cada um dos quatro eixos temáticos da Plenária; do eixo agregador; de dois eixos adicionais (*Gênero e ES*; e *Raça e Etnia e ES*); e sobre a estrutura do movimento de Economia Solidária no país. Foram reproduzidas 8.000 cópias deste caderno, distribuídas para todos os estados do país, através dos seus Fóruns Estaduais.
- Planejamento participativo de aproximadamente 180 atividades preparatórias às Plenárias Estaduais em todos os 27 estados do país: oficinas, grupos de estudos, seminários e plenárias microrregionais e municipais de economia solidária;
- Planejamento participativo das Plenárias Estaduais de Economia Solidária: data, método de tirada de representantes, metodologia do encontro, e estratégias de realização;
- Mapeamento da realidade de cada Fórum Estadual de Economia Solidária, detectando as fragilidades e potencialidades de cada um: estes dados ampliaram a base de dados do FBES, e estarão disponíveis no seu relatório anual, previsto a ser publicado em fevereiro de 2008.

E. Publicação e lançamento do livro bilíngüe “Ousar a Solidariedade: partilha de práticas de economia social e solidária no Brasil e no Québec”

À medida que o projeto foi avançando e os diálogos entre FBES e *Chantier* foram se intensificando, a necessidade de se registrar iniciativas inspiradoras originadas nos acúmulos históricos de cada país tornou-se proeminente, e desencadeou a proposta de realização de uma publicação conjunta, em duas edições, uma em francês e outra em português, com o título “Ousar a solidariedade: partilha de práticas de economia social e solidária no Brasil e no Québec” (na versão francesa: “*Osez la solidarité: Le partage de pratiques d’économie sociale et solidaire au Brésil et au Québec*”).

Trata-se de um livro de aproximadamente 110 páginas, construído a diversas mãos por importantes lideranças no Brasil e no Québec, apresentando 11 tipos de iniciativas do Québec e 12 do Brasil, definidas ao longo do presente projeto durante os encontros e intercâmbios relatados neste relatório, quais sejam:

Tipos de iniciativas do Brasil

- Economia Solidária
- Formas de organização dos fóruns estaduais e federal
- Formas jurídicas de empreendimentos solidários no Brasil
- Os centros e as incubadoras públicas de Economia Solidária
- Bancos comunitários
- Fundos solidários
- Educação Popular
- Incubadoras universitárias
- Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário
- Redes e cadeias de produção na Economia Solidária
- Feiras de Economia Solidária
- Processo de recuperação de empresas e inserção de trabalhadores e trabalhadoras à autogestão

Tipos de iniciativas do Québec

- Economia Solidária, uma economia de valores agregados
- Formas de organização da sociedade civil nos níveis nacional e regional
- Formas jurídicas de empreendimentos solidários no Québec
- Fundos locais para a Economia Solidária
- A Fiducie do *Chantier*
- Desenvolvimento da mão-de-obra e formação de trabalhadores e gestores públicos
- Os Centros da Primeira Infância como rede setorial
- Estruturas de apoio e acompanhamento ao desenvolvimento de cooperativas
- sensibilização dos consumidores sobre o consumo responsável
- A agricultura sustentada pela comunidade
- O portal da Economia Solidária

Os objetivos principais da publicação são de duas ordens, e estão sendo alcançados: em primeiro lugar, registrar e colocar lado a lado experiências bem sucedidas e avançadas em ambos os países, além de suas perspectivas conceituais e filosóficas a respeito da Economia Solidária, de modo a contribuir para processos de formação junto a atores de dentro e de fora do movimento, seja no Québec ou no Brasil. Em segundo lugar, explicitar as convergências e diferenças entre os dois

movimentos, de modo a inspirar e estimular a melhoria das práticas em cada um dos contextos, a partir dos aprendizados, conquistas e desafios vivenciados ao longo de cada história.

No Brasil, o livro foi lançado durante a IV Plenária Nacional de Economia Solidária, em Brasília, durante a mesa de diálogo internacional, em que estiveram presentes dois representantes do *Chantier* (Charles Guindon e Jean François), graças ao apoio do Ministério de Relações Exteriores do Québec). Todos os 400 participantes, vindos de inúmeras cidades dos 27 estados do país, receberam uma cópia da publicação. Além disso, cada Fórum Estadual recebeu uma suplementação de 10 exemplares.

Ao partirem de volta para o Québec, Charles e Jean-François levaram consigo aproximadamente 400 exemplares em francês, e lá o Chantier realizou o lançamento e disponibilizou o livro para estudiosos e militantes interessados, para aquisição através de seu sítio internet (www.chantier.qc.ca).

Podemos dizer que este resultado, viabilizado por recursos do projeto PIPE Express, representa uma síntese consistente dos diálogos empreendidos até aqui entre o *Chantier* e o FBES, e lançam as bases para a continuidade da articulação entre estes atores.

A edição em português pode ser adquirida junto à secretaria executiva do FBES, e ambas as edições serão brevemente disponibilizadas na página do FBES em meio digital.

F. Perspectivas

O diálogo entre os movimentos de Economia Solidária do Brasil e do Québec, que se iniciaram timidamente na década de 90 e ao longo dos primeiros anos 2000 via alguns encontros internacionais e edições do Fórum Social Mundial, tornaram-se hoje, graças à oportunização deste projeto PIPE Express e da identificação de um grande interesse tanto do FBES quanto do *Chantier* em realizar ações comuns e intercâmbios entre suas práticas e reflexões, um processo consolidado, que tende apenas a se intensificar.

Para além do atual projeto PIPE-Express, outras atividades estão sendo desenvolvidas entre os dois parceiros, tanto em alianças estratégicas de mútuo fortalecimento no âmbito internacional como na construção de perspectivas de ações em algumas das áreas levantadas durante a execução do atual projeto que se encerra com este relatório.

Eventos recentes importantes no Brasil (IV Plenária Nacional de Economia Solidária, em março de 2008) e no Québec (Cúpula de Economia Solidária, em novembro de 2006) determinam uma agenda de suas ações em seus países, muitas das quais serão imensamente potencializadas pela continuidade e intensificação da parceria.

Seguem abaixo alguns elementos concretos que apontam tais perspectivas:

Comércio justo e solidário (local e não local)

Os desafios da luta por um desenvolvimento local, sustentável e solidário, com distribuição de renda, geração de postos de trabalho e dinamização econômica nos territórios são grandes e têm, na Economia Solidária, um horizonte estrutural importante. Há avanços no Québec (em especial o apoio local a empreendimentos solidários via fundos locais específicos, cooperativas de desenvolvimento local, processos formativos para o consumo responsável e articulação dos atores nos pólos regionais) e no Brasil (destacando-se os instrumentos de finanças solidárias tais como bancos comunitários e fundos rotativos, as organizações de certificação participativa, as feiras estaduais de Economia Solidária, a construção da regulamentação federal do Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário e a articulação nos Fóruns Locais de Economia Solidária) que permitem um rico intercâmbio neste campo, não apenas aprofundando debates, mas também na construção de propostas e soluções de interesse a cada um dos países.

Os elementos que estão surgindo de parceria são o de colocar estas experiências dos dois países em contato direto, através de encontros e seminários com o objetivo de construir proposições, de acordo com cada realidade, que ampliem as capacidades locais para a construção deste outro desenvolvimento, tendo como base os princípios e valores da Economia Solidária.

Formação e propostas para o consumo consciente

O *Chantier*, especialmente pelas ações da Équiterre, tem vasta experiência no campo da formação para o consumo consciente, junto à sociedade através de campanhas, seminários, elaboração de publicações, atuação em escolas e universidades e iniciativas como a agricultura apoiada pela comunidade. É de grande interesse ao FBES a ampliação de suas ações no campo do fortalecimento do consumo consciente (seja a conscientização para o consumo individual e institucional como também na organização de consumidores), complementando e aprofundando os avanços das feiras estaduais neste campo.

A perspectiva neste campo é a de elaboração comum de materiais pedagógicos e metodológicos para apoiar ações formativas e fornecer ferramentas para os Fóruns Locais do Brasil e Pólos Regionais do Québec afirmarem a importância do consumo consciente para a modificação do atual padrão de desenvolvimento.

Incubadoras universitárias e públicas de Economia Solidária

Empreendimentos solidários são diferentes de grandes empresas ou micro-empresas convencionais, pois carregam consigo os valores e práticas da cooperação, da autogestão dos/das trabalhadores/as, da integração. Estas diferenças são fundamentais, e implicam em outros indicadores e conceitos sobre eficiência e sustentabilidade, além de outros métodos para a sua criação, que envolvem atores excluídos do mercado de trabalho, o que exige métodos formativos baseados na educação popular, que tem importantes avanços no Brasil nos últimos 30 anos.

As perspectivas de ações comuns entre *Chantier* e FBES nesta área são o de intercâmbio direto entre universidades e organizações públicas e da sociedade civil que atuam na incubação de empreendimentos solidários, para, nesta articulação e diálogo, construir consensos metodológicos, indicadores e outras ferramentas úteis para suas práticas de apoio e incubação.

Plataformas virtuais de articulação de empreendimentos solidários e consumidores

Tanto o FBES quanto o *Chantier* estão em fase final do desenvolvimento de plataformas computacionais em rede que permitem a articulação econômica, política e formativa entre os atores que impulsionam a Economia Solidária: empreendimentos solidários e consumidores (sejam estes consumidores organizados, individuais ou institucionais);

Estas plataformas foram uma consequência natural ao mapeamento realizado pelo FBES (em parceria com a SENAES/MTE, que identificou mais de 21 mil empreendimentos solidários envolvendo mais de 2 milhões de trabalhadores e trabalhadoras) e pelo *Chantier* (que levantou junto às redes setoriais de Economia Solidária mais de 5 mil empreendimentos solidários no Québec), e têm naturezas convergentes e complementares. Já foram realizadas diversas reuniões presenciais e virtuais entre os técnicos e representantes do FBES e do *Chantier* no sentido de aproveitamento de funcionalidades de uma plataforma na outra e, principalmente, na elaboração de uma proposta de desenvolvimento de protocolos e políticas de comunicação entre as duas plataformas, que possibilitarão intercâmbios econômicos diretos entre os atores do Brasil e do Québec.

Mais do que isso, o FBES e do *Chantier* estão iniciando um diálogo com a Cooperativa Williams, do Québec, que desenvolveu um grande sistema de compras coletivas para os Centros de Primeira Infância e possibilitam negócios de grande monta através da articulação de empreendimentos solidários e com isso negociação de preços vantajosos. Em agosto um representante do FBES estará no Québec por conta do Congresso Mundial de Jovens, e negociações em torno de possibilidades de uma parceria FBES, *Chantier* e Williams serão tratadas.

Instrumentos e políticas públicas de finanças solidárias

O campo das finanças solidárias, no Québec, tem assistido a importantes conquistas, através da construção de diversos tipos de financiamento (tais como Risq, Solidarité e outros) e mais recentemente com a constituição da *Fiducie do Chantier*, que apresenta uma perspectiva macro-estrutural, de maior importância econômica, no apoio a empreendimentos solidários em fase mais adiantada de consolidação e que portanto necessitam de aportes de capital de maior monta, sem com isso perder aspectos fundamentais de autonomia de seus/suas trabalhadores/as na autogestão e no enraizamento na comunidade.

As finanças solidárias, no Brasil, diferenciam-se do micro-crédito especialmente por terem o foco no apoio a empreendimentos solidários (de produção, consumo e comercialização) e não indivíduos, e de terem como instrumentos de empréstimo os fundos rotativos, bancos comunitários e cooperativas de crédito, e não o sistema financeiro convencional ou entidades externas à comunidade, que muitas vezes não consegue atingir aos setores mais excluídos da sociedade.

No Brasil, uma das prioridades para o movimento de Economia Solidária é a elaboração e luta pela aprovação de um Sistema Nacional de Finanças Solidárias, apoiado e sustentado por um Programa Nacional de Desenvolvimento de Economia Solidária. Certamente a experiência acumulada do Québec no campo das finanças solidárias pode apoiar significativamente este processo de construção no Brasil. Neste campo estão também em andamento intercâmbios entre a CUT (através da Ecosol e da ADS) no Brasil e a CSN e Désjardins no Québec, com o apoio da CIDA/ACDI, que podem ser ampliados e complementados, tendo como eixos de articulação, no Brasil, o FBES e o Conselho Nacional de Economia Solidária.

Articulação e fortalecimento de atores de outros países

Por fim, há possibilidades de relações tripartite do *Chantier* e do FBES junto a outros países da América Latina, no sentido de fortalecerem sua ação e contribuir com suas experiências e especificidades. A sinergia produzida pela cooperação entre FBES e *Chantier* precisa se propagar para outros países, contribuindo assim para uma potencialização das inúmeras iniciativas de articulações nacionais e internacionais em rede já em andamento. No âmbito latinoamericano, a RIPESS (Rede Intercontinental de Promoção da Economia Social e Solidária) tem impulsionado a

articulação política entre redes nacionais para o desenho de planos de ação, princípios e plataforma comuns, o que fertiliza as possibilidades de cooperações diretas entre países deste continente.

Um exemplo é o caso da Bolívia, que muito tem avançado em sua articulação nacional, especialmente com a consolidação da *Plataforma Bolívia de Comércio Justo e Solidário*, que, tal como o *Chantier* e o FBES, consegue articular um significativo leque de atores do campo da Economia Solidária e tem travado importantes diálogos com o governo boliviano.

Em 2007 e 2008 foram realizados alguns diálogos iniciais entre representantes do FBES e da Plataforma Bolívia, e ambos os atores manifestaram grande interesse na construção de uma cooperação neste sentido, envolvendo, além do intercâmbio de iniciativas de cada país, a possibilidade de estágios de trabalhadores/as da Bolívia em empreendimentos solidários brasileiros e vice-versa. Ao tomar conhecimento, o *Chantier* manifestou também interesse em se incorporar nesta articulação.

A Bolívia tem avançado na Comercialização Comunitária e numa perspectiva da Economia Solidária a partir da cultura e sabedoria indígenas, o que deve enriquecer muito as práticas tanto do FBES quanto do *Chantier*. Por outro lado, os acúmulos do FBES e do *Chantier* na organização dos atores em seus países, nas práticas, soluções e ferramentas desenvolvidas e na incidência propositiva na elaboração de políticas públicas em várias áreas da Economia Solidária são, sem dúvida, importantes contribuições à ação da Plataforma Bolívia.

Estas são apenas algumas das possibilidades, ainda em construção, e portanto sujeitas a alterações e diferentes priorizações de acordo com os diálogos internos no âmbito do *Chantier* e do FBES, e da conjuntura que cada um destes atores está vivendo em seu país. O que está bem consolidado é o grande interesse e propósito, tanto do FBES quanto do *Chantier*, na continuidade e aprofundamento desta parceria.

G. Anexos

G.1. Relatos da visita da delegação brasileira ao Québec em novembro de 2006

Depoimento de Shirlei Almeida

Realmente esta viagem foi um mergulho profundo nos princípios da economia social e solidária do Québec. Acredito que foram os 10 dias mais intensos dentro desta temática e fora do Brasil que já participei.

Inicialmente participamos da reunião da Coordenação da RIPESS, com um grande desafio que é fazer uma articulação internacional dentro da temática, de economia social e solidária. Tivemos a presença da América Latina (a maior riqueza, Santa Maria foi um marco com o encontro de vários países e articulações com feiras em diferentes países, mobilizações e intercâmbio, da América do Canadá (que relatou as grandes experiências do Québec, sobretudo as 12 ferramentas que eles têm de finanças solidárias, imaginem que eles tem uma linha de financiamento para a economia social que tem a carência de 15 anos com juros 0, e do restante do Canadá (que tem mais uma articulação entre intelectuais e alguma coisa dos Estados Unidos), da Austrália muito fraco, somente atividades de responsabilidade social, da África boa articulação entre os governos e necessidade de investir no fortalecimento da sociedade civil e da Europa, com muita coisa acontecendo sobretudo no comércio justo e agora com conferencias pipocando.

Fomos construindo uma agenda para 2007 e 2009, encontros na europa (não se sabe ainda se na Itália ou na Suíça), e também um encontro na África (estão puxando para ser junto com o Fórum Social Mundial).

Foi construída também uma proposta de construção do planejamento da RIPESS que será feito de maneira descentralizada e por temática. Saiu também que cada região deverá ter um escritório regional, na América Latina devemos ter o nosso escritório em Lima. (Novamente saímos na frente, pois este será o primeiro escritório descentralizado).

Temos agora também um desafio em Dakar teremos o escritório central da RIPESS e para a integração sul-sul, a américa-latina ficou de selecionar a pessoa para a coordenação geral deste escritório. Assim o presidente da RIPESS, o Abdul, tem uma equipe de suporte para as questões operacionais e estratégicas. Ainda temos que ver como seria a seleção desta pessoa.

Em 2009 na Europa (ainda não tem certo a cidade) teremos um grande encontro como foi o de Dakar em 2005.º Será o 4º Encontro de Internacional de Globalização da Solidariedade. (1º foi em Lima, em 1997, o Segundo em Québec em 2001, o terceiro em Dakar em 2005.)

A América Latina, que para nossa alegria é onde tem acontecido mais articulações supranacionais, para variar ta saindo na frente. Irmão Vicente, deve se lembrar do encontro em Santa Maria, onde se falava da possibilidade de fazer o II encontro latino americano de economia solidária e comércio justo. Então de cara já temos lugar e data será de 20 a 24 de fevereiro/07 ficou definido que este encontro será em Cuba, Habana. Temos que avaliar como podemos articular a nossa presença Marista neste encontro, vejam em anexo a convocatória, e o formulário de inscrição). Existe ainda a possibilidade de um encontro maior sul-sul que seria no final de 2007 em Lima, para comemorar Lima +10 (onde foi o primeiro grande encontro da RIPESS) com a presença de gente de todo o sul do mundo.

Além do encontro da RIPESS e antes da Conferencia de Economia Solidária, participamos ainda, (Daniel e eu,) de um jantar com representantes de diversas redes do Canadá em economia solidária. O melhor do jantar foi que ele aconteceu dentro de um empreendimento de economia solidária (do mais alto nível). É que o empreendimento é formado por pessoas com deficiência, desde surdo mudo até pessoas com dificuldade de locomoção. O lugar muito bem arrumado, com tudo que se tem direito e o serviço de copa perfeito. Fiquei encantada e comi um salmão maravilhoso.

Terminada a reunião da RIPESS começou a conferencia, que foi simplesmente, perfeita, com a presença do primeiro ministro prometendo mundos e fundos e toda a conferencia tocada pelo Canteiro de Economia social e solidária do Québec (Fórum do Québec de Economia Solidária).

Participantes de 20 países e tudo muito bem organizado. Tivemos um Stand onde colocamos os nossos produtos e banners e comercializamos o que tínhamos levado dos grupos.

Tivemos a presença do Prof. Paul Singer, que foi o único de governo que não era do Québec que usou a proferiu uma conferencia. Isto enriqueceu a presença do Brasil e ampliou a nossa participação, usamos também o avental (abadá) que fizemos para as feiras para identificar a comissão brasileira. Isto também ficou legal.

Durante a conferencia o Canteiro estava também comemorando 10 anos e fomos as comemorações do aniversário, que foi de forma bastante interessante, com o lançamento de um café equitativo (café do comércio justo) junto com o pessoal daquele empreendimento do restaurante, que já falei antes. E precisa ver que lançamento com tudo muito bom, o café em uma embalagem linda e distribuído gratuitamente para os convidados um pacote de 250 grs.

Até o nome do café é político. O café recebeu o nome de um artista que também faz arte solidária e é portador de doença mental.

E não acabou ai.

Depois tivemos a comemoração de 10 anos de outro empreendimento que faz parte do Canteiro. Nossa fiquei realmente emocionada. O Espaço onde fomos é uma antiga fabrica, que foi recuperada e transformada em diversos empreendimentos, hoje é um complexo, ao todo são 36 empreendimentos, mais de 1000 trabalhadoras e trabalhadores, com metas que não são somente financeiras, mas sobretudo qualidade de vida. Por exemplo uma das metas é reduzir o espaço do estacionamento e a necessidade de carro, então tem linhas de metro e de ônibus que chegam perto do empreendimento, tem programa de apoio para carona e estacionamento de bicicletas. Hoje este complexo tem metas ousadas do ponto de vista financeiro um faturamento de 250.000 \$can, 2500 trabalhador@s, do ponto de vista ecológico obter certificados de edifício ecológico (toda a planta esta sendo remodelada utilizando somente material ecologicamente correto, (enquanto aqui ainda estamos correndo atrás de produtos ecologicamente corretos)) além disto toda a linha de produtos e serviços visando o bem estar não só dos trabalhadores e trabalhadoras, mas de toda a coletividade. E o mais importante, eles reconhecem publicamente o valor do social da economia e isto é considerado um bem patrimonial.

A reunião da RIPESS aconteceu dentro de outro empreendimento, um cooperativa de credito solidário, que tem desde da planta (prédio) até a estrutura organizacional, pensada para dar visibilidade e transparência, por se tratar de um empreendimento financeiro, a transparência é um quesito fundamental. Na entrada do prédio tem um monumento pela democracia. Uma mesa redonda onde todos votam levantando a mão. As paredes internas são praticamente todas de vidro e a sala de reuniões fica bem no meio, onde não se decide nada de forma escondida, mas participativa e transparente. O Desjardins - Casa de Economia Solidária, como é chamada a cooperativa, reúne uma mistura de cooperativismo tradicional com o novo cooperativo solidário. Hoje mais de 80% das pessoas que tem conta corrente no Québec tem conta no Desjardins. Todo lugar que iam na cidade tinha um caixa popular, em toda a cidade, tanto nos centros importantes, históricos, como nos bairros mais simples. Igual no Brasil encontramos caixas eletrônicos de bancos particulares la se encontra as caixas populares.

Depois da conferencia foi realizada uma feira (neste ponto temos mais a oferecer que eles), que era mais uma mostra do comércio justo. Tínhamos vários tipos de produtos e serviços, café, artesanato, produtos reciclados etc e também a nossa mesa, so que não tinha como colocar banner neste espaço. Na feira teve um desfile de roupas do comércio justo e a leitura da carta de Québec, com as resoluções da Conferencia.

Após a conferencia e a feira fomos viajar para o sul do Québec passamos pelo Vale de Ouro, por dentro de um parte lindo, muita agua e muitas arvores e o frio foi apertando ate que chegamos na região de Abitibi-Témiscamigue. A turma brasileira fazendo a maior festa pois começamos a entrar na região onde estava nevando. Todo mundo igual bobo brincando na neve na hora que parávamos o carro para abastecer. A paisagem linda, toda branca e silenciosa.

Viajamos 600 kms e fomos conhecer primeira, uma experiência de uma cooperativa de desenvolvimento regional, que primeiro faz um diagnostico das necessidades da região e de acordo com a demanda estimula a criação de cooperativas populares para suprir aquela demanda, por exemplo em uma cidade onde tinham poucas funerárias e os preço dos enterros estava pela "hora da morte", foi criada uma cooperativa funerária e os preços caíram pela metade do preço, esta é uma das experiências que pedimos mais informação pois, seria uma boa maneira para algumas regiões do Brasil e poderia ser casada também com as iniciativas de desenvolvimento territorial do MDA. Depois fomos conhecer uma cooperativa de produção de legumes em estufa, esta também é uma experiência super interessante, primeiro conhecemos o cultivo de tomates em estufa, em um tipo de

hidroponia onde a polinização é feita com abelhas e zangões. E é tudo fantasticamente automatizado e informatizado, os tomates são selecionados, pasmem, pelo tamanho e pela cor que varia do verde até o vermelho vivo, E o processo é coleta do fruto, depois são lavados, selecionados, etiquetados e vão para caixas que são recicladas e são entregues por uma rede de distribuição. Eles também estão produzindo milhares de mudas de pinheiro para o reflorestamento da mata de onde se tira a madeira e produzindo também flores para sacadas e trepadeiras. Isto tudo climatizado, eles usam uma caldeira movida a óleo queimado e num processo super interessante com um filtro que não tem nem fumaça e o calor circula por tubos de água quente que também servem de trilho para os carrinhos e cadeiras que as pessoas usam enquanto estão colhendo ou limpando os tomates.

Depois da visita que já aconteceu com a noite caindo, fomos para outra cidade onde estava começando um encontro regional de economia solidária e uma feira também regional. Este encontro também foi muito rico e deu para ver a dimensão da economia social e solidária. A cidade muito linda, toda cheia de neve e o lago no meio da cidade congelada, quase não conseguíamos andar na cidade de tanto frio. Na feira conhecemos muitos empreendimentos interessantes, trabalho com povos indígenas, trabalho com pessoas com autismo, produção de todo tipo de produtos e serviços, formação continuada com bolsa de incentivo e grande inclusão no mercado de trabalho.

Depois retorno para Montreal, chegamos a noite e no dia seguinte antes de viajar tivemos uma reunião de avaliação e planejamento com o pessoal do Canteiro. Onde avaliamos como positivo o intercâmbio e assinalamos pontos onde poderemos aprofundar a nossa parceria. Vimos a necessidade de conhecer mais de perto os diferentes tipos de cooperativa e associações que eles têm lá. Inclusive este tem um tipo especial de cooperativa que são cooperativas solidárias, coisa que não temos no Brasil. Conhecer as sua legislação e funcionamento. Queremos conhecer também as ferramentas de crédito que eles têm (são 12 linhas inclusive uma criada agora com 15 anos de carência e especialmente criada para a economia social e solidária com 60.000 \$can que será administrada pelo canteiro), temos interesse também nos materiais didáticos que eles utilizam para a autonomia e autogestão dos empreendimentos. Pelo lado do Canteiro eles querem entender melhor os nossos processo de regionalização, das cadeias produtivas (justa trama e outros), das feiras e da gestão política do Fórum. Então vamos traduzir alguns materiais de francês para o português e vice-versa. Eles vão estar aqui no Brasil em fevereiro e junto com a nossa IV plenária.

Bem gente, depois só deu tempo de correr para o avião e chegar aqui. Em linha gerais foi esta a visita ao Québec. Trouxe muitos materiais (tudo em francês) muitas fotografias digitais.

Depoimento de Evandro Luzia

Antes da partida para o evento, entrevistamos Evandro Luzia, que é gestor público em Rio Branco (AC), um dos articuladores da Rede de Gestores desde sua fundação, militante dos movimentos sociais desde as escolas de formação (instituto Cajamar), tem fomentado e articulado a economia solidária na região Norte e participou ativamente do processo de organização da CONAES pela Rede de Gestores.

1- Qual a importância da Cúpula e Feira Nacional de Economia Solidária do Québec (Canadá) para o FBES?

Participar de um evento de economia Solidária é sempre muito importante, pois isto fortalece a difusão e consolida a proposta todas as vezes que paramos para dar atenção à ECOSOL. Quanto a participação no Canadá, isto significa para todos um pacto entre trabalhadores que se co-responsabilizam para garantir a efetividade da política, o que para nós especificamente é garantir espaços de articulação, trocas de experiências e aprendizado quando nos tornamos parceiros internacionais para desenvolver nossas experiências.

2 - Como a delegação brasileira estará contribuindo nos debates que irão acontecer no evento?

A delegação Brasileira estará participando com conhecimento de causa, pois já tem acumulado muitas experiências de sucessos que também precisam ser socializadas, a bem da ECOSOL. Temos muito a contribuir após 3 anos e meio de trabalho articulado com o Governo Federal e seus entes, apesar de estarmos ainda em processo de construção.

Temos diversos elementos para evidenciar o trabalho aqui no Brasil, das empresas recuperadas aos grupos de artesãos, cada um com sua realidade, com diferentes formas de gestão, mas com os mesmos princípios: fortalecimento da democracia, relações sociais justas e solidariedade.

3 - Para a Rede de Gestores, qual a importância deste diálogo com o Canadá? Quais as expectativas da Rede?

Enquanto Rede, temos o privilégio de termos este contato para conhecermos outras experiências públicas de gestão, o que nos permitirá avaliar nossos trabalhos com referências em ações realizadas em outras realidades, para a formulação da política pública para o Brasil. Construir um sistema ou política requer conhecimento de diversas realidades.

4 - Qual a sua contribuição específica?

Enquanto Gestor, espero contribuir na análise de outras realidades para chegar a formulações de novas propostas, com muita vontade de contribuir com e para o processo.

5 - O que se espera como resultado dessa viagem?

Fortalecimento. A partir dos debates com propostas novas de estratégias buscamos o fortalecimento da Ecosol no mundo.

Depoimento de Lenivaldo Lima

Viajamos dia 14 de novembro e voltamos dia 23 do mesmo mês.

Nossa percepção é que temos conceitos similares entre economia social e economia solidária. As diferenças estão na acentuação que damos a prática dos empreendimentos e das organizações. Contudo, temos a mesma concepção: propriedade coletiva, gestão participativa, solidariedade e inclusão social.

A chegada em Montreal

Chegamos no Aeroporto de Montreal fomos recebido por Daniel Tygel (FBES) e Charles do Canteiro e fomos direto para o Albergue-Hotel que fica na Rua Santa Catarina. À noite fomos recebidos pelas autoridades municipais de Montreal em coquetel de acolhimento e boas vindas. Claro reconhecimento da delegação estrangeira e do Canteiro da Economia Social – o Canteiro é uma espécie de ONG que dá suporte a Economia Social.

Aí conhecemos a Nancy e a Maria Helena personalidades importantes da economia social e solidária no Québec. As falas foram rápidas. Após os comes e bebes e a foto oficial, cuja mestra de cerimônia se chama Liberdade, fomos convidados por Maria Helena para ver a cidade numa vista panorâmica em determinado ponto, o que não foi possível porque o Presidente da RIPPES nos convidou para um jantar reunião cujo tema central era a proposta de um encontro em 2007 e a busca de apoio. Presentes estavam: nós brasileiros, Umberto Ortiz – Peru e os Africanos – presidente da RIPPES e mais uma senhora. Ficou acertado pensar no Encontro a acontecer no Peru, porém, ficamos nos perguntando sobre o caráter político deste encontro, a partir do seguinte questionamento, quais são os parceiros sindicais e governamentais de tal Rede? Qual o campo político de sua atuação no cenário internacional?

A Cúpula de economia social e solidária

A comemoração de 10 anos do Canteiro e a perspectiva da economia social no Québec foi o objetivo principal da cúpula. 20 países presentes. Autoridades de peso do Québec como o primeiro Ministro estiveram presentes. Todas as falas sempre na linha afirmativa e valorativa da economia social e solidária. Diversas experiências do cooperativismo no Québec foram relatadas, bem como experiências de economia social com doentes mentais, imigrantes e desempregados. Outro aspecto importante foi às finanças solidárias: a construção da proposta de crédito em andamento com carência de até 15 anos, bem como, o alargamento dos tipos de cooperativas. No Québec se possui cooperativa para tudo, inclusive para se fazer solidariedade! A presença do Daniel, como secretário

executivo do FBES e do Prof. Singer foi muito bem ressaltado. O Prof. Singer falou da nossa experiência da Conferencia, sendo traduzido pelo Daniel.

As experiências relatadas ressaltam em muito a felicidade das pessoas e suas ocupações na economia social. Em muito pouco, são evidenciados aspectos de gestão e os processos participativos no interior das cooperativas. No entanto, a inclusão social pela ocupação econômica, parece ser o forte entre eles.

Importante perceber nesta cúpula que existem outros canais de articulação com outros países que não somente os nossos parceiros tradicionais. Principalmente com a África em que se apresentaram outras personagens com outros discursos...

No final da cúpula, enquanto se servia o coquetel, o presidente da RIPPES convocou mais uma reunião, ali mesmo no local, desta vez com o Prof. Singer e os mexicanos para amarrar a proposta de ter o Professor como Patrono do encontro, o que implicava a articulação de recursos para viabilizar uma visita no Brasil e o Encontro no Peru. O Prof. Singer percebeu a proposta como de difícil viabilidade no contexto atual do Governo Brasileiro e passou a argumentar por outras formas de articulação. Então começou uma série de apelação contundente sobre a pessoa do professor (seu compromisso com a Economia Solidária e coisas do gênero). Então percebi que se tratava de uma articulação supra FBES, sem o seu devido reconhecimento, e solicitei a palavra, após insistir muito foi concedida, e fiz a argumentação que a nossa articulação deveria acontecer de “sociedade para sociedade” e que as questões de viabilidade das nossas atividades em que implicasse apoio do governo brasileiro seria papel do FBES fazer esta articulação e não da forma como estava acontecendo ali. Pois o Prof. Singer estava ali enquanto representante do Governo Brasileiro e não como um simples militante da economia solidária...

A visita a Abitibi - Interior mais ao norte do Estado do Québec

O objetivo desta visita era a participação de uma Feira de Economia Social Solidária e ver a interiorização – regionalização da economia social no Québec. Projeção de 8 horas de viagem de carro, dirigido por Charles com apoio de Maria Helena, músicas, piadas, brincadeiras, debates sobre nós mesmos, conhecimento da região foi o tom.

A cada Km o frio apertava e o aquecedor do carro nos mostrava como os humanos foram se adaptando aquela terra, não se via ninguém fora de algum abrigo residencial ou nos carros. Muitas carretas transportando madeiras passaram por nós... de repente vimos a neve caindo... quando paramos para abastecer o chão estava branco com a neve... e passamos a brincar na neve... tive muitas lembranças das imagens veiculadas do papai Noel em nossos natais... aliás, brincando com uma senhora quebequense, que faltávamos ver somente o Papai Noel com seu trenó, ela respondeu que não teria Natal porque os caçadores mataram as renas que puxariam o trenó do Papai Noel. E falou da temporada de caça que estava acontecendo às renas e aos alces. Assim passamos no Vale do Ouro, região dos povos autóctones, que resolvi denominar de povos do gelo.

Nosso almoço foi com o representante da regional que nos falou das grandes cooperativas e de empreendimentos informais na região de Abitibi. Cooperativas das mais variadas matizes (produção, serviços, solidariedade) com muito impacto econômico na vida da população, mas pouca participação dos sócios. Cooperativas com 12.000 sócios conseguem reunir no máximo 100 a 120 participantes de suas assembléias.

Após o almoço visitamos uma cooperativa produtora de mudas florestais e tomates com a tecnologia da hidroponia. Envolve 100 participantes, possui trabalhos temporários, com um faturamento de 3 a 4 milhões de dólares canadenses. De fato vimos muito forte a preocupação com a questão ambiental e a felicidade de duas trabalhadoras que estavam em plena atividade de preparação dos tubos de irrigação (por gotejamento), mas também vimos a solidão de outra trabalhadora sobre um carrinho nos tratos dos tomates. Vimos também a produção baseada na esteira fordista da alta tecnologia. A história dessa cooperativa é importante para região porque recuperam umas estufas do governo que estavam abandonadas e deram uma função produtiva e social. Outro aspecto importante é a utilização de óleo queimado pelos veículos numa caldeira que serve as estufas, bem como, as caixas de embalagens dos tomates feitas de papel reciclado. Normalmente a cooperativa cobra uma taxa aos visitantes, mas nós fomos dispensados do pagamento desta taxa, talvez o fato de sermos visitantes estrangeiros.

A feira de economia social e solidária em Abitibi

A abertura foi muito bonita, homenageando os dez anos do Canteiro e a referência a nossa presença. As falas foram no sentido de evidenciar a construção da economia social e a consolidação da regional. Depois houve as oficinas de debates. Fomos para oficina sobre os conceitos de economia social e solidária, coordenada por Maria Helena. Nossa percepção é que temos conceitos similares entre economia social e economia solidária. As diferenças estão na acentuação que damos a prática dos empreendimentos e das organizações. Contudo, temos a mesma concepção: propriedade coletiva, gestão participativa, solidariedade e inclusão social.

No almoço tivemos uma dinâmica de apresentação em que o tema da economia social era trabalhado com jovens atores como concorrência entre equipes em que todos ganham. Depois houve uma avaliação das oficinas e da economia social com o público, então falei, enfocando a autogestão como uma revolução silenciosa nas estruturas de dominação em que vivemos no Brasil.

Essa FEIRA tinha a característica de amostragem e “sala de negócios”. Visitamos a feira – fomos muito acolhidos – ganhamos presentes (agendas, lápis e muitos folders). Partimos de volta.

A reunião de avaliação com o Canteiro

Nossa avaliação foi positiva de como continuarmos o intercâmbio entre Brasil e Québec. O canteiro ficou interessado pelo tema das cadeias produtivas e pela nossa interiorização do FBES. Outra idéia é a troca de material – realizar traduções, bem como uma visita do Canteiro ao Brasil. Do nosso lado precisamos aprofundar o sistema de finanças solidárias implantado no Québec, possuindo milhares de pessoas sócias e condiciona vários aspectos da vida social.

Palmares, dia de Nossa Senhora da Conceição do ano de 2006-12-08

Depoimento de Walmir Almeida

1. Qual a importância da participação do FBES na Cúpula e Feira realizada em Québec?

Antes de mais nada bom seria se, de vez em sempre o FBES pudesse ter intercâmbios com outras experiências de economia solidária com outros povos, outras culturas. No passado tive a oportunidade de conhecer experiências em dois outros países, Itália e Espanha, que foram enriquecedoras. Porém nestas experiências se viu muito mais o cooperativismo como uma alternativa de emprego do que propriamente de uma outra possibilidade de um novo modelo de economia (economia solidária), mas assim mesmo foi muito bom.

No Québec, a nossa participação na cúpula e na feira, foi antes de mais nada, um momento único para o FBES, onde pudemos, na cúpula, ouvir o que a economia social solidária no Québec tem como avanço e o que eles lutam para continuar avançando. Também acho que para nós do FBES, o público presente na cúpula saber que existia uma delegação do Brasil ali presente participando daquele momento, mostrou o quanto estamos levando a sério aqui no Brasil a nossa economia solidária. Além de, também, o quanto estamos querendo aprender com outras culturas. Nas feiras como sempre nossos produtos foram muito bem vistos. Alguns produtos em particular, tiveram uma procura mais específicas por empreendimentos locais. A quantidade de materiais de divulgação que levamos, foi muito bem recebida. Eu sou daqueles que ainda acho que teremos boas surpresas, no que se refere a possibilidades de negócios com os nossos empreendimentos.

2. Quais contatos foram estabelecidos e quais atividades foram significativas?

Os contatos feitos pela delegação se procurou mostrar o que fazemos no Brasil como um todo. Mas, para mim a atividade mais significativa foi o momento que sentamos com Maria Helena e demais representantes da economia social solidária e discutimos o que de fato dali para frente interessaria para cada lado (Brasil/Québec) e descobrimos que a possibilidade de continuação desta parceria é mais que necessária, pois apesar do Québec estar em muitos pontos a frente, nós, aqui do FBES, temos muito a contribuir principalmente na construção de cadeias produtivas, apesar de ainda estarmos construindo este processo, mas para eles isto está muito longe.

3. Para o segmento que você compõe, a experiência vivenciada no Canadá pode contribuir em que sentido?

Para o segmento que represento, serviços, acho que há um leque muito grande de possibilidades, pois no Québec este segmento é muito forte e está presente de diversas formas. Porém, na minha avaliação as possibilidades de negócios entre os nossos empreendimentos e o deles, teriam que ser melhor avaliadas, pois como disse este segmento no Québec está por todas áreas da alimentação à saúde, por isso temos que ter mais informações e contatos para daí para frente traçarmos possibilidades.

4. Que destaque você faz para o que conheceu da economia solidária do Canadá?

O envolvimento e apoio da comunidade, pois a uma preocupação da comunidade local no apoio ao consumo e utilização daquilo que se produz dentro da economia social e solidária no Québec. Mas não vamos nos iludir. Isto não é totalmente resolvido, pois eles também tem que estar continuamente pensando na divulgação e conscientização.

5. Quais as perspectivas se colocam na relação com o Canadá (e outros países) a partir da presença da delegação do FBES nas atividades que a delegação participou?

Uma das grandes possibilidades que vejo, como já disse, é na continuidade deste intercâmbio, principalmente na área da formação, possibilidades de negócios e como pensarmos juntos em liberação de agentes para o FBES.

Apontamentos de Daniel Tygel sobre a Economia Solidária no Québec

Após a visita que realizamos ao Québec, escrevi um breve texto em que busco partilhar com o FBES o que compreendi sobre elementos importantes a respeito da Economia Solidária no Québec.

O nascimento do movimento de economia social do Québec é estreitamente ligado ao movimento de mulheres, particularmente o grande movimento pelas creches comunitárias ocorrido nas décadas de 80 e 90, que hoje se chamam “Centros Comunitários para a Pequena Infância” (CPEs – *Centres de la Petite Enfance*). O movimento de mulheres é bastante forte do Québec: para se ter uma idéia, a marcha mundial de mulheres nasceu lá, numa primeira marcha em Montréal. Graças a este movimento, houve conquistas como os Centros Regionais de Desenvolvimento Comunitário (CRDCs) em cada região do Québec, que serviam como pontos de articulação da sociedade civil e governo para o debate de políticas e ações pelo desenvolvimento comunitário, e normalmente eram liderados pelos grupos de mulheres.

Em 1996, numa crise de falta de empregos no Québec (na verdade, em todo o Canadá), o governo resolveu organizar uma Cúpula pelo combate ao desemprego, que visava fazer um diálogo com a sociedade civil das possibilidades de criação de empregos sem oneração das contas públicas, que também estavam em má situação. Normalmente, este tipo de diálogo era feito apenas com sindicatos patronais e de empregados, ou seja, apenas com empresários e empregados. Desta vez, entretanto, no seio de um governo mais de esquerda no Québec, e também por causa da enorme pressão do movimento de mulheres na luta pelas creches comunitárias, o governo decidiu incluir no debate os outros atores da sociedade civil (movimentos, ONGs, etcétera). A forma de preparação da cúpula era a seguinte: eram criados Grupos de Trabalho (chamados de Canteiros) temáticos reunindo representantes de cada segmento diretamente interessados e envolvidos com o tema, com o desafio de apresentar, após 6 meses de trabalho, no momento da cúpula, um plano de ação para a criação de empregos.

Não se sabia muito bem o que fazer com estes movimentos sociais, já que eles não se reconheciam como uma coisa só, mas como se tratava de lidar com a questão econômica, acabaram decidindo criar um Canteiro de Economia Social (*Chantier de l'Économie Sociale*), conceito que ainda não existia no Québec na época, nem mesmo por parte dos atores sociais lá envolvidos. Este canteiro agrupou, além do movimento feminista, as cooperativas (em seus diversos segmentos, como produção, agricultura, habitação, consumo) e associações pelo desenvolvimento comunitário, além do movimento de comércio ético e do movimento ecológico. Em 6 meses ocorreu então a Cúpula, e o Canteiro de Economia Social apresentou um enorme plano de ação, que contemplava a execução de 30 projetos e criação de milhares de empregos no setor da economia social (ou seja,

em associações sem fins lucrativos e em cooperativas). É preciso notar que, diferentemente do Brasil, em que falamos de *trabalho* para diferenciar de *emprego*, no Québec eles sempre falam de emprego, mesmo em cooperativas e associações, incluindo os direitos trabalhistas. Ou seja, as cooperativas e associações devem respeitar leis trabalhistas para seus associados / cooperados.

Após a Cúpula, o Canteiro (*Chantier*) continuou existindo para supervisionar a execução dos projetos, e acabou sendo um dos canteiros que mais projetos realizou, ou seja, que rendeu mais frutos pós Cúpula. Depois de dois anos, quando tinham terminado a execução do plano, acabaram criando uma identidade tão grande que decidiram continuar existindo como uma articulação dos atores da economia social do Québec, à maneira como o FBES.

É interessante observar que a formatação do Chantier de ES partiu de representações dos vários atores organizados, e no caso dos empreendimentos, partiu também dos setores econômicos. Ou seja, na parte de empreendimentos, o canteiro se organizou inicialmente por setor econômico, a exemplo do movimento cooperativista, e só com o passar dos anos é que foi avançando para a criação de representações regionais, que são hoje os Pólos Regionais de Economia Social e Solidária. Estes pólos são o análogo aos nossos Fóruns Estaduais. Isso significa que os “Fóruns Estaduais” deles só foram sendo criados após 10 anos de existência do canteiro! Na minha opinião, isso aponta muitos elos de aprendizado possível entre nós do FBES e o pessoal do canteiro: Eles partiram de uma perspectiva setorial para irem avançando para a perspectiva territorial, enquanto nós partimos da perspectiva territorial (após a criação do GTBrasileiro, que consistia basicamente em entidades e redes nacionais de assessoria à ES, com exceção da RBSES, Anteag e CONCRAB que faziam os dois papéis: de representação de empreendimentos e de assessoria).

Neste ínterim, os Centros Regionais de Desenvolvimento Comunitário (CRDCs) passaram por uma profunda crise e desarticulação, tanto pela mudança de foco do movimento feminista com a grande conquista que são hoje os Centros da Pequena Infância quanto pela existência de outras políticas regionais. O movimento feminista resistiu a “largar” os CRDCs, pois era uma conquista própria, e muitos dos CRDCs passaram a ficar isolados, sem realmente articularem a maioria dos atores. Claro que estou simplificando a história, mas o que sabemos é que os CRDCs ficaram muito nas mãos do movimento feminista, e acabaram não se abrindo para outros atores, se isolando com isso.

Hoje em dia, muitos dos CRDCs estão se tornando Pólos Regionais de Economia Social e Solidária, graças às articulações do Canteiro, e isso nem sempre é fácil. Justamente em Abitibi há ainda tensão a este respeito, sobre a condução das articulações regionais em prol do desenvolvimento social e comunitário. Neste sentido, a Cúpula que havia acabado de ocorrer e a I Feira Regional de ES da Abitibi foram momentos importantes de avanço da sinergia destas forças na região, apesar das tensões subsistirem.

Um elemento que ocorreu na decisão do Canteiro, em 1998, de continuar existindo perenemente, foi uma reestruturação do mesmo. Nesta reestruturação ocorreu um grande racha com o movimento cooperativista tradicional (o análogo à nossa OCB), que se retirou e passou a ver o canteiro sempre como ameaça. Tensões muito grandes ocorreram, por exemplo, na formatação do instrumento de finanças solidárias Fiducie, principalmente com relação à gestão. O movimento cooperativista tradicional recusava-se a que o canteiro tivesse a maioria dos votos no seu conselho de administração. Um outro elemento importante é que o “movimento désjardins”, que é o gigantesco complexo cooperativo de bancos Désjardins, se inscreve no movimento cooperativista tradicional, apesar de historicamente ter sido um dos principais atores a fortalecer o cooperativismo no Québec. E dentro do Désjardins existem as “Caixas de Economia Solidária”, que dão apoio e crédito direto à Economia Solidária, e são aliados fortíssimos do canteiro. Portanto, Désjardins não é um complexo monolítico, mas tem nuances internas.

G.2. Documento informativo sobre a Economia Social e Solidária no Québec/Canadá disponibilizado ao FBES durante a sua VII Reunião da Coordenação Nacional

O Québec e a Economia Social e Solidária

Introdução

O Québec é uma pequena sociedade francófona de 7,5 milhões de habitantes num continente majoritariamente anglófono que é a América do Norte. Mesmo que o Québec tenha sido formalmente reconhecido este ano pelo Parlamento canadense enquanto uma nação, o Québec é, no plano constitucional, uma província da confederação canadense. Um referendo que teria levado à independência do Québec foi perdido por 49,5% dos votos em 1995. É importante entender essa realidade, porque o Québec constitui claramente uma sociedade diferente no interior do Canadá, e essa realidade nacional marcou sua história.

O Québec possui ferramentas importantes para sustentar seu desenvolvimento no interior da confederação canadense. Assim como as outras 9 províncias canadenses, o governo do Québec tem jurisdição sobre vários aspectos estratégicos para seu desenvolvimento, notadamente a saúde, a educação, a cultura, o serviço social, os recursos naturais, a formação de mão de obra e os assuntos municipais. O Québec divide com o governo do Canadá responsabilidades em matéria de desenvolvimento econômico, agricultura, transporte e judiciário. O governo federal tem jurisdição sobre o sistema de seguro-desemprego, as forças armadas, o comércio exterior e as relações internacionais.

O Québec tem uma história diferente no que diz respeito a seu desenvolvimento social e econômico. Até 1960, a sociedade do Québec era uma sociedade muito católica, onde a igreja exercia um papel muito importante. Em 1960, uma 'Revolução tranqüila' (por via eleitoral) transformou o Québec com a criação de um Estado de bem estar social, a nacionalização da hidroeletricidade, a criação de mecanismos que permitem ao estado intervir de maneira importante na economia, a elaboração de programas sociais como o seguro saúde, na criação de uma rede de segurança social, etc. Um dos objetivos desta Revolução tranqüila era possibilitar a tomada de controle da economia do Québec por seus cidadãos, já que esta era controlada, no passado, por interesses estrangeiros (britânicos, americanos ou canadenses-ingleses).

Uma sociedade civil forte e uma tradição de diálogo social

O Québec é uma sociedade diferente em muitos aspectos. A taxa de sindicalização de mais de 40% é a mais elevada da América do Norte. Há diversas centrais sindicais, entre as quais se destacam a Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Québec (FTQ) e a Confederação dos Sindicatos Nacionais (CSN), que tem ligação histórica com a CUT do Brasil.

Há também um movimento associativo muito forte e reconhecido pelo Estado no quadro de uma política de ação comunitária autônoma. Esse movimento comunitário constituiu-se a partir do início dos anos 70 e está presente num conjunto de setores, tais como direito, educação popular, saúde e serviços sociais, habitação, inserção social e econômica, lazer, mídia comunitária, etc. O movimento comunitário está organizado em redes setoriais e territoriais.

O movimento de mulheres teve um papel importante no desenvolvimento do Québec moderno. O Québec tem leis muito progressistas para as mulheres, incluindo políticas de combate à violência contra mulheres e uma lei de equidade salarial.

O Québec tem uma tradição de diálogo ente os grandes parceiros sociais. A partir dos anos 70, o Governo do Québec desenvolveu uma prática de convocar convenções com grandes parceiros para debater e desenvolver consensos sobre as formas de responder a certos grandes desafios da sociedade. No início, essas convenções eram de natureza tripartite, reunindo o Estado, o patronato e o movimento sindical. Depois de uma longa caminhada, o meio comunitário foi reconhecido como um parceiro em meados dos anos 90.

O envolvimento dos movimentos sociais no desenvolvimento da economia

No início dos anos 80, o Québec saía de uma crise econômica importante e a taxa de desemprego era muito alta. No seio do movimento sindical e do movimento associativo, propostas eram formuladas para permitir que esses movimentos fossem próativos na resposta às necessidades de criação de emprego e de desenvolvimento econômico.

Assim, em 1983, a maior central sindical, a FTQ, negociou a criação do Fundo de Solidariedade da FTQ. Esse fundo de pensão é controlado inteiramente pelo movimento sindical. Os membros e não membros podem investir nesse fundo e recebem créditos de impostos muito generosos. O Fundo de solidariedade deve investir no mínimo 60% dos fundos arrecadados no desenvolvimento do emprego no Québec. O Fundo de solidariedade FTQ tem um ativo que era de 6,9 bilhões de dólares, em 31 de maio de 2006, e é essencialmente constituído de poupanças de mais de 573 000 acionários. Assim, em 2006, deveria ter investido um total de G\$ 4,1 nos empreendimentos do Québec. Este investimento teria contribuído para criar mais de 100 mil empregos.

A CSN, segunda maior central sindical, criou um fundo similar em 1995. O FondAction começou suas atividades em 1996. Sua missão é contribuir para a manutenção e criação de empregos, respondendo de maneira mais específica ao segmento de empresas inscritas num processo de gestão participativa, às empresas auto-geridas e àquelas preocupadas com o meio ambiente. Seu ativo líquido era de 442 milhões de dólares canadenses em 2006, e contava com 64.140 acionários. Os investimentos do FondAction com impacto econômico no Québec foram de 271,7 milhões de dólares canadenses até o dia 31 de maio de 2006. Esses investimentos contribuíram para criar ou manter 8.162 empregos.

Em 1983, o movimento associativo também inovou em suas respostas à crise econômica. Num dos bairros urbanos mais pobres, os organismos comunitários criaram a primeira Corporação de Desenvolvimento Econômico Comunitário (CDEC). Essa nova estrutura associativa agrupava os principais atores (sindicatos, empresas, associações, cidadãos) para desenvolver estratégias de revitalização social e econômica do bairro para o benefício e sob maior controle da população local.

Breve histórico da economia social e solidária no Québec

A economia social e solidária no Québec data do século XIX. Ela aparece primeiro sob a forma de sociedades de entreajuda e mutualidades. No século XX, algumas cooperativas foram criadas por pequenos produtores agrícolas e depois pequenos produtores e comerciantes fizeram as primeiras caixas de poupança e de crédito. Isso permitiu o nascimento do Movimento de Caixas Populares e de Economia Desjardins, a maior instituição financeira do Québec. Outras iniciativas seguiriam-se a essa, ao longo da primeira metade do século XX, em diversos setores : escolares, de habitação e hidroeletricidade. A nova economia social e solidária emergiu sob a forma de comitês de cidadãos a partir dos anos 1960, de grupos populares ou de serviços durante os 70 e, posteriormente, sob a forma de movimentos populares e comunitários durante os anos 80, o que se traduz por iniciativas que combinam objetivos sociais e econômicos.

Uma das experiências melhor sucedidas do Québec, a Caixa de Economia Solidária Desjardins (antiga Caixa de Economia Desjardins dos Trabalhadores e Trabalhadoras), criada em 1971 pela CSN, oferece financiamento aos empreendimentos de economia social e solidária, sob forma de empréstimos com garantias. Sua missão é de sustentar o desenvolvimento da economia social e solidária, e de aconselhar os cidadãos e cidadãs na gestão socialmente responsável de suas finanças pessoais. Em 31 de dezembro de 2005, seu ativo era de 383,8 milhões de dólares canadenses, dos quais 250 milhões (65%) eram consagrados a projetos coletivos. O fundo financia principalmente cooperativas e OBNL (organizações sem fins lucrativos)¹, como alojamentos comunitários e sociais.

A partir da segunda metade dos anos 90, a economia social e solidária teve uma expansão bastante grande. É importante indicar alguns eventos que contribuíram para sua institucionalização.

Em maio de 1995, o movimento de mulheres organizou uma grande Marcha de Mulheres Contra a Pobreza, chamada "do pão e das rosas". Em resposta a essa mobilização, o governo do Québec se comprometeu a destinar 225 milhões de dólares, em cinco anos, a ações destinadas a responder em parte às demandas do grupo de mulheres. Elas queriam que a ação comunitária fosse reconhecida enquanto um componente importante do desenvolvimento econômico e social, e que seu trabalho fosse reconhecido como um aporte significativo ao desenvolvimento econômico e social do Québec. Para tal, reclamavam o estabelecimento de um programa de infra-estrutura social com

1 Organization a But Non Lúcratif (N.T.)

empregos acessíveis às mulheres. É nesse contexto que se começou a falar em economia social e solidária.

No ano seguinte, numa reunião da Conferência sobre economia e emprego convocada pelo Governo do Québec, a economia social e solidária começou a se afirmar pela primeira vez no debate público. Com uma taxa de desemprego de mais de 12% e dificuldades grandes nas finanças públicas, o Governo do Québec lançou o desafio à sociedade civil quebequense de encontrar estratégias que permitissem reforçar o desenvolvimento econômico e a criação de empregos, levando em conta os limites da intervenção estatal. Diversos Canteiros² foram criados, entre os quais os de economia social e solidária. Os grupos tinham seis meses para preparar uma proposta de plano de ação para o conjunto de atores da sociedade quebequense.

O desafio era grande por muitas razões. Primeiramente porque, no Québec, assim como em muitos lugares do mundo, a noção de economia baseada em valores coletivos estava longe de ser uma tendência dominante. Depois, apesar de sua forte presença no Québec, o termo "economia social e solidária" nunca tinha sido usado de maneira corrente; tratava-se, então, também de um problema identitário. Finalmente, como se tratava de uma demanda colocada pelo Estado, muitos atores da economia social e solidária, zelosos de sua autonomia, viam com suspeita o conjunto de demandas.

Apesar desses obstáculos, o desafio foi resolvido com muito sucesso pelos atores da economia social e solidária quebequense. Para tanto, foi necessário convencer diversas redes da economia social e solidária – a maioria das grandes redes cooperativas, redes comunitárias, atores do desenvolvimento local de empresas e associações setoriais – da necessidade de trabalhar juntos, com uma mesma perspectiva, apesar da diversidade, para levar adiante as realizações, e sobretudo seu potencial. Foi preciso chegar a uma definição comum de economia social e solidária, fazer visíveis suas realizações passadas, levar adiante uma série de estratégias setoriais que permitissem a emergência de novas atividades econômicas para responder às necessidades sociais, econômicas, ambientais, entre outras. Foi preciso, ainda, identificar as condições necessárias para a emergência e o desenvolvimento da economia social e solidária. O relatório do *Chantier*, "Ousemos a solidariedade", propôs um plano de ação ambicioso. Sua primeira recomendação reconheceu formalmente a economia social e solidária como parte integrante da estrutura sócio-econômica do Québec. Outras propostas, tais como a integração de medidas de apoio ao empreendedorismo coletivo nas políticas de desenvolvimento local e regional, o acesso igualitário a diversas medidas de desenvolvimento de empresas, o enriquecimento da lei sobre cooperativas para permitir a criação de cooperativas de solidariedade baseado no modelo italiano, e a disponibilização de novos mecanismos de formação e capitalização foram igualmente aceitos.

Esse plano de ação, apresentado na reunião da Conferência Nacional do Québec de Economia Social e Solidária em outubro de 1996, recebeu adesão de todos os atores presentes. Durante os cinco anos que se seguiram, esse plano foi realizado inteiramente graças ao esforço dos atores locais e setoriais que se envolveram com entusiasmo no trabalho cotidiano para consolidar e desenvolver esses empreendimentos. Nesse trabalho, puderam contar também com um local de articulação e representação nos Grupos de Trabalho (Canteiros) e com a colaboração, ainda que imperfeita, de um governo que tinha se comprometido na reunião de 1996.

Das ações que resultaram da Conferência Nacional do Québec de Economia Social e Solidária e Solidária de 1996, aqui estão alguns exemplos:

Os centros de Educação Infantil (CEI)

Seguindo uma recomendação do Grupo de Trabalho de Economia Social e Solidária, o Governo do Québec apoiou a constituição de uma rede de centros de educação infantil, controlados pelos pais num modelo de economia social e solidária. Há mais de 800 centros da primeira infância que oferecem serviços de creche educativa por tarifas muito modestas (7\$ por dia). A maioria do financiamento vem do Governo do Québec. Mais de 25000 pessoas trabalham nessa ampla rede, o que a faz ser a terceira maior empregadora do Québec.

Os centros de educação infantil estão agrupados na Associação Quebequense de Centros de Educação Infantil (AQCPE). A AQCPE tem assento no Conselho de Administração do *Chantier*.

2 *Canteiro*, que em francês é chamado de *Chantier*, pode ser traduzido como "grupos de trabalho temático". Hoje, o "*Chantier* de l'Économie Sociale et Solidaire" é uma instituição, e portanto o chamamos neste documento simplesmente de *Chantier*, ou *Chantier de Economia Social e Solidária*. (N.T.)

A habitação comunitária

O crescimento do patrimônio coletivo imobiliário retomou seu desenvolvimento depois da Conferência de 1996, respondendo às necessidades particularmente urgentes dos cidadãos de baixa renda. O Governo do Québec criou o Fundo de habitação comunitária, agrupando os atores da economia social e solidária na habitação, os municípios e o governo do Québec. Milhares de alojamentos sociais, sob forma de cooperativa ou sem fins lucrativos, foram desenvolvidos neste quadro.

A ajuda doméstica

Complementando o serviço de ajuda a domicílio levado a cabo pelas instituições públicas, uma rede de 101 empreendimentos de economia social e solidária foi criada para responder às necessidades das pessoas idosas em casa. Mais de 8000 pessoas trabalham nesses empreendimentos coletivos. A tarifa de serviços está adequada de acordo com a capacidade das pessoas para pagar, contando com o apoio de um programa governamental.

As ressourceries³

Desde 1999, começaram a funcionar 40 projetos de *ressourceries*, criando mais de 1000 empregos e dando algum valor a milhares de toneladas de produtos que, de outra forma, lotariam os lugares de aterro de resíduos, com tudo o que isso representa como elemento de devastação para o meio ambiente.

O sucesso da parceria forte e duradoura que constituía o *Chantier* de 1996 levou as redes parceiras a fazer do *Chantier* uma estrutura permanente. Assim, em abril de 1999, o *Chantier* de economia social e solidária teve sua assembléia de fundação e elegeu seu conselho administrativo.

A Economia social : elementos de definição

Para que a economia social fosse reconhecida quando da Conferência de 1996, foi necessário primeiro entender sua definição. Um consenso foi gerado a partir da seguinte definição:

O conceito de economia social combina dois termos que às vezes são colocados em oposição :

- "economia" remete à produção concreta de bens e serviços, tendo a empresa como forma de organização e contribuindo para um aumento efetivo da riqueza coletiva.
- "social" se refere à rentabilidade social, e não meramente econômica, dessas atividades. Essa rentabilidade é avaliada pela contribuição ao desenvolvimento democrático, pelo apoio a uma cidadania ativa, pela promoção de valores e iniciativas de autonomia individual e coletiva. A rentabilidade social contribui então para a melhoria da qualidade de vida e do bem-estar da população, principalmente ao oferecer um maior número de serviços. Assim como para o setor público e o setor privado tradicional, essa rentabilidade pode também ser avaliada em função do número de empregos criados.

Visto como um todo, o domínio da economia social e solidária agrupa o conjunto das atividades e organizações, resultantes do empreendedorismo coletivo, que se organizam a partir dos seguintes princípios e regras de funcionamento :

- O empreendimento de economia social e solidária tem por finalidade servir a seus membros ou à coletividade, mais que simplesmente gerar lucros e visar os rendimentos financeiros;
- tem uma autonomia de gestão em relação ao Estado;
- integra, no seu estatuto e em suas formas de trabalhar, um processo de decisão democrático que envolve usuários e usuárias, trabalhadores e trabalhadoras;
- defende a primazia das pessoas e do trabalho sobre o capital na repartição dos excedentes e rendimentos;
- Baseia suas atividades sobre o princípio da participação, da tomada de responsabilidade individual e coletiva.

3 Poderiam ser entendidos como "reciclarias", lugares de reciclagem, recuperação, transformação e venda de objetos aparentemente no fim de sua vida útil. (N.T.)

Alguns números da Economia Social e Solidária no Québec

Ainda não é possível dar números exatos sobre a presença da economia social e solidária no Québec. É possível conhecer o número exato de cooperativa, mas é impossível identificar o conjunto de empreendimentos de economia social e solidária com status de organismos sem fins lucrativos (OBNL).

Os números seguintes foram compilados em 2003 e não compreendem as grandes cooperativas financeiras e agrícolas. Tampouco incluem um conjunto de organizações e associações que trabalham nos setores não-mercantis. Além disso, houve um desenvolvimento importante em 5 anos, mas não temos números mais recentes que possam testemunhar o crescimento durante esse período.

O setor de empreendimentos de economia social e solidária representa globalmente no Québec :

- 6 254 empreendimentos
- 2 313 cooperativas e 3 941 OBNL (organizações sem fins lucrativos)
- 65 028 empregos : 19 948 nas cooperativas e 45 080 nas OBNL
- 4,3 bilhões de dólares em negócios
- 3 bilhões de dólares para as cooperativas e 1,3 bilhões para as OBNL

O movimento de Economia Social e Solidária no Québec : A situação em 2007

Desde 1996, o movimento de economia social e solidária se desenvolveu num conjunto de setores e sobre todo o território. Para que isso fosse possível, o movimento concebeu e aprimorou instrumentos que permitiram sustentar diversos aspectos ligados ao desenvolvimento. Certos pesquisadores fazem referência a um sistema de inovação em economia social e solidária no Québec. Aqui estão os principais componentes desse sistema de inovação.

O Chantier

O *Chantier* é o conjunto dos principais atores de economia social e solidária no Québec. Ele é reconhecido como porta-voz pelo Governo do Québec, assim como por grandes atores da sociedade civil.

A principal missão do *Chantier* é promover a economia social e solidária como parte integrante da estrutura sócio-econômica do Québec e, isso feito, possibilitar o reconhecimento do caráter plural de nossa economia.

O *Chantier* trabalha, assim, para favorecer e apoiar a emergência, o desenvolvimento e a consolidação de empreendimentos e organizações de economia social e solidária num conjunto de setores da economia. Esses empreendimentos coletivos apresentam uma resposta original às necessidades de suas comunidades e criam empregos duráveis.

As funções do *Chantier* são :

- A promoção dos grupos de economia social e solidária
- A representação no plano nacional e internacional
- Apoio à consolidação, experimentação e ao desenvolvimento de novos espaços e projetos.
- A articulação de diversos atores da economia social e solidária.

O *Chantier* é um ponto de encontro importante para os atores da economia solidária vindos de meios muito diferentes. Nesses sentido, permite que seus membros se beneficiem de informações de primeira ordem, numa multidão de sujeitos ligados à economia social e solidária. Seu site na internet e seu boletim de informações fornecem informações preciosas, principalmente sobre :

- As ações do Chantier e de seus parceiros;
- A evolução das políticas públicas;
- Os eventos de todo o Québec

O *Chantier* contribui também ativamente para possibilitar parcerias estratégicas entre todos aqueles que atuam, acompanham e intervêm na economia social e solidária.

Um lugar de trocas e de reflexão

O *Chantier* é uma construção dinâmica. Ele junta as forças vivas da sociedade civil ligadas aos valores de democracia e solidariedade. É por isso que a participação no processo decisório de homens e mulheres, representando diferentes setores que trabalham para o desenvolvimento da economia social e solidária, é um triunfo admirável. Isso permite à organização repensar significativamente os desafios cada vez mais numerosos aos quais somos confrontados cotidianamente

O conselho de administração do *Chantier* tem um papel de orientação e de posição estratégica. Ele é formado por representantes eleitos(as) nos seguintes colégios eleitorais :

- Empreendimentos de economia social e solidária (6)
- Organizações de desenvolvimento da economia social e solidária (6)
- Pólos regionais de economia social e solidária (5)
- Centrais sindicais (2)
- Movimentos cooperativos (assento vago)
- Movimento de mulheres (1)
- Movimento comunitário (1)
- Outros movimentos sociais (3)
- Membros de ofício (4) e membros cooptados (2)

No conselho administrativo, há assentos para os cargos de dirigente financeiro do *Chantier* (RISQ, Fiducie), do Comitê Setorial de Mão de Obra em Economia Social e Solidária e Ação Comunitária (CSMO-ÉSAC) e da Aliança de Pesquisa Associativa em Economia Social e Solidária (ARUC-ÉS).

A participação dos membros na vida associativa do *Chantier* se dá principalmente no interior dos comitês de trabalho ou de diversas atividades levadas a cabo pelo conselho de administração. Entre eles, mencionemos :

- Comunicações e promoções
- Relações internacionais
- Juventude

Os membros também são convidados a assistir a assembléia geral anual. Nesse momento, o ano que acabou de passar é revisto, e os membros tomam decisões sobre as orientações a serem seguidas no futuro. Também é um momento único de encontros, trocas e solidariedade.

Parceiros em todas as regiões do Québec : os pólos regionais de economia social e solidária.

O *Chantier* de economia estabeleceu parcerias com os atores locais e regionais de economia social e solidária através de acordos assinados com os Pólos regionais de economia social e solidária. Esses pólos são constituídos por representantes de empreendimentos, de estruturas de desenvolvimento local, ou de atores da economia social e solidária tomada em seu sentido largo e inclusivo. Um acordo é assinado entre o *Chantier* e cada um dos pólos regionais. O quadro geral desse acordo é o mesmo para todas as regiões, mas o acordo é moldado a fim de ter em conta as especificidades e diferenças (territoriais ou outras) de cada uma das regiões. As premissas de base para a assinatura do acordo são, de um lado a vontade dos atores locais e regionais da economia social e solidária de constituir um pólo regional de interação com o *Chantier*, e de outro a flexibilidade que o *Chantier* tem que ter para respeitar as diferenças regionais. As funções do pólo são : a promoção, a representação no plano regional, o apoio e consolidação de experimentos e o desenvolvimento de novos espaços e projetos e a articulação dos diversos atores regionais e locais da economia social e solidária e dos movimentos sociais.

De 17 regiões, 16 assinaram um acordo de colaboração, troca e parceria com o *Chantier*. Em quase todas as regiões, as Conferências regionais dos eleitos, que agrupam o conjunto dos eleitos nos municípios, reconheceram pólos regionais e aceitaram apoiá-los; esse apoio se traduz geralmente em termos de recursos humanos.

Os instrumentos financeiros do Chantier

Para responder às necessidades de capitalização da economia social e solidária, o *Chantier* criou dois instrumentos financeiros. O primeiro, a *Rede de investimento social do Québec* (RISQ), foi criado em 1997. O segundo, a *Fiducie*⁴ do *Chantier*, foi criada em 2007, depois de uma longa caminhada política e organizacional. Segue uma breve descrição desses mecanismos financeiros :

Rede de investimento social do Québec (RISQ)

A **RISQ** é um fundo de capital de risco com fins não lucrativos que tem a missão de tornar acessível um financiamento adaptado à realidade dos empreendimentos de economia social e solidária. Ela visa a apoiar a ascensão dos empreendimentos coletivos através da injeção de capital de convivência servindo de impulso financeiro para a realização de seus projetos.

A RISQ foi criada pelo *Chantier*, que convenceu algumas grandes empresas e instituições financeiras a contribuir para sua capitalização através de doações. O Governo do Québec contribuiu com um valor equivalente e ajudou nas despesas para a operação da RISQ durante vários anos. A RISQ é um fundo de 10 milhões de dólares canadenses.

A RISQ oferece dois produtos financeiros:

A **Ajuda de capitalização** fornece ajuda financeira sob forma de capital complementar àquele de outras instituições de financiamento, permitindo ajudar nas despesas dos promotores.

Formas de investimento :

- Empréstimos;
- Garantia de empréstimo;
- Participação;
- Quantia do investimento até 50 000\$
- Nenhuma tomada de garantia
- Modalidades de reembolso flexíveis;
- Possibilidade de moratória sobre o reembolso do capital;
- Taxas de juros baseadas nas taxas do certificado de depósito garantidas 3 anos + 2 a 6%
- Comissão de contrato: 1% do montante estabelecido

A **Ajuda técnica** oferece uma ajuda financeira sob a forma de avanços de fundos apoiando os promotores em suas lutas e permitindo-os a acessar consultores e especialistas para realizar os estudos necessários ao desenvolvimento de projetos.

- Quantia dos investimentos: de 1000 a 5000\$ (às vezes mais)
- Reembolsável somente se o projeto é realizado;
- Sem juros;
- Despesas de 10% da parte do grupo promotor;
- Gastos de abertura de dossiê : 50\$
- Exemplos de projetos admissíveis :
- Análise aguçada pedida no plano de ações;
- Plano de desenvolvimento ou de reestruturação
- Estudo de mercado;
- Análise de produto.

A RISQ apóia a produção de bens e serviços de empreendimentos em que as finalidades sociais são a melhoria da qualidade de vida ou o desenvolvimento de coletividades. Desde seu início, em novembro de 1997, a RISQ interveio em 372 projetos de financiamento de empreendimentos de economia social e solidária. Esses empreendimentos contribuíram para empregar 4412 pessoas, para oferecer postos permanentes, ocasionais e de inserção.

A Fiducie do Chantier

O *Chantier* trabalhou durante três anos na elaboração de um novo mecanismo que permitisse instaurar a igualdade nos empreendimentos de economia social e solidária respeitando suas características próprias e suas capacidades de pagamento. Esse mecanismo inovador investirá mais

⁴ O termo *fiducie*, em francês, significa fidúcia, ou seja, confiança ou segurança. Chamaremos aqui neste documento este instrumento de *Fiducie* para ficarmos fiéis ao termo, já que no Canadá ele também é usado para denotar mecanismos do chamado mercado secundário, ou de ações, do mercado convencional.

de 50 milhões de dólares canadenses na economia social e solidária nos próximos 5 anos. Esse fundo provém de uma contribuição do governo do Canadá e dos investimentos de parceiros sindicais através do *Fundo de Solidariedade* (12 milhões) e da *FondAction* (8 milhões), assim como de um investimento de 10 milhões de dólares canadenses do *Investimentos Québec*, um braço de investimento do governo.

Desde fevereiro de 2007, A *Fiducie* do *Chantier* lançou suas operações de financiamento junto aos empreendimentos coletivos. A *Fiducie* tem como principal missão favorecer a expansão e o desenvolvimento de empreendimentos coletivos, melhorando o acesso destes ao financiamento e assegurando melhor capitalização dos empreendimentos de economia social e solidária.

A *Fiducie* oferece empréstimos sem reembolso de capital antes de 15 anos. Esse capital, chamado **paciente**, permite sustentar as operações do empreendimento e apoiar investimentos imobiliários para o desenvolvimento de novas atividades.

A RISQ é o organismo delegado pela *Fiducie* para receber e analisar os pedidos de fundos antes de serem apresentados ao Comitê de Investimento da *Fiducie*. A RISQ trabalha em estreita colaboração com os atores locais na análise e aplicação dos projetos de investimento.

A *Fiducie* investe na impulsão inicial a empreendimentos e no desenvolvimento de novos projetos de economia social e solidária. Os fundos não podem ser aplicados para uma reorganização de atividades de um empreendimento ou para seu refinanciamento. A *Fiducie* pode investir entre 50.000 e 1,5 milhões de dólares canadenses. Seus empréstimos são concedidos em função de uma estrutura financeira da qual eles podem representar até 35% das despesas ligadas ao projeto, sendo que o resto tem que vir de outras fontes.

A *Fiducie* investe exclusivamente nos empreendimentos de economia social e solidária, principalmente nas associações sem fins lucrativos e cooperativas com menos de 200 empregados.

Formação

Uma parceria no campo da formação : O Comitê setorial de mão de obra Economia Social e Solidária e Ação comunitária

Criado em 1997 por uma proposta do *Chantier*, o Comitê setorial de mão de obra (CSMO) Economia social e Ação comunitária tem por missão favorecer e consolidar a articulação e a parceria a fim de resolver os problemas de mão de obra comuns às empresas e às organizações do setor. Trabalhando no Québec, visa assegurar o desenvolvimento da mão de obra e do emprego no nível setorial para uma mobilização e a articulação dos principais atores envolvidos, para um conhecimento aprofundado do mercado de trabalho e para a elaboração de estratégias de ação e formação contínuas.

Organização sem fins lucrativos, o CSMO Economia social e ação comunitária foi constituído levando em conta as especificidades do setor, tal como a diversidade da mão de obra e das atividades, a natureza coletiva dos empreendimentos e organizações, seu enraizamento no conjunto de regiões do Québec, os valores que o regem : a democracia, a autonomia, a primazia das pessoas e do trabalho sobre o capital, a igualdade, a solidariedade, a participação, a tomada de responsabilidade individual e coletiva.

As funções do Comitê setorial são as seguintes :

- Estabelecer e atualizar diagnósticos da mão de obra, levando em conta características de sub-setores e redes, e estabelecer planos de ação específicos em cada meio.
- Desenvolver formação contínua : pela identificação das competências atuais e futuras da mão de obra necessária no setor e pela identificação dos trabalhos e profissões onde seria desejável implantar um regime de aprendizagem e de qualificação, e participar de seu desenvolvimento e realização.
- Identificar as necessidades do setor em matéria de gestão de recursos humanos e organização do trabalho e elaborar pistas e meios de intervenção para responder a essas necessidades e resolver os problemas setoriais.
- Elaborar medidas pertinentes que permitam estabilizar o emprego e sua manutenção nos setores.

- Levar em conta os problemas de mão de obra do setor, fazendo parte dos grupos alvo (jovens, mulheres, imigrantes, portadores de deficiências físicas, pessoas maiores de 45 anos, autóctones) e propor soluções.
- Assegurar, de forma coerente com suas funções, a circulação de informação junto à mão de obra, às empresas e às organizações do setor no Québec.

Uma parceria entre pesquisadores e praticantes no campo da pesquisa

Há 8 anos, o *Chantier* desenvolveu uma parceria entre redes de pesquisadores e atores da economia social e solidária. Duas infra-estruturas de parceria foram financiadas por fundos federais de pesquisa para favorecer essa parceria.

A Aliança de pesquisa universidade-comunidade em economia social (ARUC-ES) e a Rede quebequense de pesquisa em parceria com a economia social (RQP-ES) são dois centros de pesquisa em parceria inteiramente dedicadas ao estudo da economia social e solidária. Esses dois centros são financiados pelo Conselho de pesquisa em ciências humanas (CRSH) do Canadá.

O programa de pesquisa, de formação e de transferência da ARUC-ES é constituído por cinco grupos de trabalho chamados *Canteiros de Atividades Parceiras* (CAP).

Cada CAP aborda uma temática de trabalho específica, que corresponde a um setor de intervenção em economia social e solidária :

- Desenvolvimento local e regional
- Finanças e habitação comunitária
- Lazer e turismo social
- Serviço às pessoas

As atividades em parceria do RQRP-ES são coordenadas por grupos com base em oito regiões do Québec. Esses grupos regionais de atividades parceiras (GRAP) reúnem universitários e praticantes de cada uma das oito regiões do Québec e estabelecem prioridades regionais em matéria de pesquisa.

Dez anos depois da criação do Chantier: a Conferência Nacional de Economia Social e Solidária do Québec

Para marcar sua primeira década de existência, o Conselho administrativo do *Chantier* decidiu organizar um evento com intenção de fazer um balanço da década e identificar as pistas de ação para a próxima década. Nos dias 16 e 17 de novembro de 2006 aconteceu em Montreal a Conferência Nacional do Québec de Economia Social e Solidária e Solidária. O evento reuniu mais de 700 pessoas : atores de todos os setores e todas as regiões do Québec, eleitos, representantes governamentais, pesquisadores, parceiros sindicais, comunitários, cooperativos e mutualistas, redes de jovens e de organizações de cooperação internacional, assim como parceiros de aproximadamente vinte países dos cinco continentes. Essas pessoas fizeram um balanço da última década, identificaram os principais desafios e priorizaram a análise das pistas de ação para melhorar o desenvolvimento do empreendedorismo coletivo. A declaração final da Conferência resume bem a visão do movimento de economia social e solidária no Québec.

Declaração da Conferência Nacional de Economia Social e Solidária do Québec

Apresentada no encerramento da Conferência Nacional do Québec de Economia Social e Solidária e Solidária, em Montreal.

Na ocasião desta Conferência de Economia Social e Solidária e Solidária, nós, atores e atrizes da economia social e solidária provenientes de movimentos associativos e comunitários, cooperativas e mutualidades, culturais, ambientais, sociais, sindicais, organismos de cooperação internacional e de desenvolvimento local e regional, declaramos com orgulho e determinação nosso engajamento a favor da construção de uma economia social e solidária em escala local, regional, nacional e internacional.

Há décadas trabalhamos em todo o território do Québec e no estrangeiro para desenvolver um projeto social e econômico sem perdedores, inspirando-nos nos valores de justiça, igualdade, solidariedade e democracia.

Hoje, podemos estar extremamente orgulhosos dos resultados das realizações dos **atores e parceiros da economia social e solidária**. Nossos esforços acumulados, principalmente nesta última década, permitiram a implementação de novos mecanismos, além de consolidar aqueles já existentes. Eles contribuíram para a manutenção e criação de milhares de empregos, assim como para a melhoria e a constituição de novos espaços de inclusão, de mobilização e de governança, constituindo e fortalecendo uma cidadania ativa. Permitiram também às mulheres que assumissem um papel em primeiro plano nessa economia de valores agregados.

Lembremo-nos que essas realizações constituem uma resistência ativa no contexto mundial, onde o crescimento econômico gera seguidamente a pobreza e as desigualdades, tanto sociais como territoriais. A economia social e solidária é um ator maior na luta contra a pobreza e a exclusão social.

Os empreendimentos coletivos não são os únicos a contribuir para a democratização da economia. Nos alegramos com a força crescente do investimento responsável, do engajamento sindical no desenvolvimento econômico, das políticas públicas em favor do desenvolvimento sustentável, das práticas de consumo responsável e da responsabilidade social dos empreendimentos. Assim, a economia social e solidária se inscreve num movimento maior, no qual as ações contribuem para a construção de alternativas ao neoliberalismo e de uma **economia solidária e mais democrática**.

A economia social e solidária é essencial e indispensável para a construção de um mundo mais justo e igualitário. Hoje, a **economia social e solidária** é plural e bem implantada em múltiplos campos de atividade. Somos cada vez mais numerosos os que nos engajamos.

O emprego e a criação de riqueza são preocupações importantes para o desenvolvimento do Québec. Lembrem-nos que são seres humanos os que produzem e consomem os bens e serviços, são então indivíduos que devem saber do processo e das finalidades da atividade econômica.

Com a força de nossos sucessos, percebemos claramente que nossa sociedade deve rever coletivamente as maneiras de partilhar, os modos de produzir e de consumir. Temos que levar igualmente em consideração a inserção da economia quebequense na economia mundial e isso se dá seguindo objetivos de igualdade e justiça em todos os níveis.

Hoje, convidamos todos os quebequenses a se unir a este movimento para o estabelecimento de uma economia solidária visando relações mais legítimas entre os imperativos sociais, econômicos e ambientais. Encorajamos a todos a inovar e adotar modos de consumo mais responsáveis.

Nós, atores, atrizes e parceiros da economia social e solidária, estamos igualmente determinados a reforçar a contribuição da economia social e solidária para o desenvolvimento sustentável do Québec e, com a força de nossas alianças, também o desenvolvimento sustentável em outros lugares do mundo.

Convidamos também os dirigentes e nossos representantes governamentais a transformar suas maneiras de avaliar a atividade econômica, passando de um rendimento de contas simplesmente baseada nos resultados financeiros a um triplo rendimento de contas, com base nos impactos sociais, ambientais e financeiros.

Esses desafios são enormes e os prazos são curtos para modificar a forma de desenvolvimento atual, que tem efeitos dramáticos sobre o meio ambiente e que favorece a distância crescente entre os mais ricos e os mais pobres, entre os diferentes territórios e entre os países.

Por essas razões, afirmamos nosso engajamento em buscar o desenvolvimento da economia social e solidária. O convite é lançado também a fim de desenvolver novas alianças entre os grandes setores da economia social e solidária em escala canadense, continental e internacional.

Os desafios que encontraremos ao longo da próxima década são muitos. Para conseguir enfrentá-los, consagramos nossas energias para a realização das seguintes ações, e para incitar o conjunto dos Quebequenses a nos acompanhar nesse esforço. Nós queremos :

- **EMPREENDEDOR SOLIDARIAMENTE** reconhecendo, mantendo e desenvolvendo a coerência entre as missões e preocupações sociais, econômicas e ambientais nos nossos empreendimentos e movimentos; consolidando nossas redes e desenvolvendo ações inter e intra redes; dando prioridade às práticas de comercialização e de gestão coerentes com os valores que defendemos; dando prioridade aos jovens, autóctones, portadores de deficiências físicas e às pessoas imigrantes; trabalhando em colaboração com os governos na implantação de políticas públicas reconhecendo as exigências das formas de gestão democráticas e de responsabilidade social e ambiental;

- **TRABALHAR SOLIDARIAMENTE** assegurando, como objetivo prioritário, empregos duráveis e de qualidade; primeiro, melhorando as condições de trabalho dos indivíduos trabalhadores no seio da economia social e solidária e da ação comunitária, o que envolve um melhor financiamento dessas organizações; constituindo um grupo de trabalho nacional sobre as condições de trabalho; favorecendo o reconhecimento, a valorização, a qualificação dos trabalhadores e das trabalhadoras; e finalmente, melhorando nosso conhecimento do setor e daqueles e aquelas que nele trabalham;
- **INVESTIR SOLIDARIAMENTE** construindo redes de trabalho entre as atrizes e atores do capital de desenvolvimento e das finanças solidárias; ampliando o acesso a ferramentas de finanças solidárias e trabalhando na reforma das políticas públicas afim de facilitar o investimento solidário;
- **DESENVOLVER NOSSOS TERRITÓRIOS SOLIDARIAMENTE** assegurando que cada região do Québec tenha um acesso igualitário aos recursos de desenvolvimento da economia social e solidária e a instrumentos de financiamento apropriados para a diversidade de necessidades; apoiando os pólos regionais em suas lutas por aquisição de meios técnicos e financeiros necessários para a realização de sua missão; interpelando os eleitos sobre a importância de consolidar os meios colocados a disposição dos empreendimentos e das organizações de apoio ao desenvolvimento da economia social e solidária.
- **CONSUMIR DE FORMA RESPONSÁVEL** estabelecendo uma melhor sinergia entre as atrizes e atores do consumo responsável; dando preferência à oferta de produtos e serviços de forte contribuição social e ambiental; reconhecendo, primeiro entre nós, a importância do consumo responsável e favorecendo esse reconhecimento entre um conjunto de atores sócio-econômicos; informando a população sobre a contribuição da economia social e solidária e o consumo responsável.
- **GLOBALIZAR SOLIDARIAMENTE** com nossos parceiros do Sul e do Norte, mobilizando a população; exigindo de nossos governantes que eles cumpram seus compromissos e aumentando nossos esforços a favor do desenvolvimento; disponibilizando recursos que permitam a nossos parceiros do Sul participar em bases igualitárias e construindo redes continentais e intercontinentais que assegurem a contribuição plena e completa da sociedade civil e da economia social e solidária num desenvolvimento sem perdedores.

A economia social e solidária progrediu de uma maneira considerável no Québec há uma década, mas as aquisições são ainda frágeis e os desafios numerosos e prementes. O desenvolvimento da economia social e solidária não pode avançar sem uma perspectiva de um conjunto que faça a ligação entre o local e o planetário, entre o lugar de produção e a ação do consumo, entre a contribuição do trabalhador e a do investidor solidário. O desenvolvimento de uma economia social e solidária não pode se fazer sem a mobilização das forças vivas de uma sociedade.

No encerramento desta Conferência, nos engajamos todos e todas a seguir esta mobilização para um desenvolvimento sem perdedores afim que a solidariedade esteja mais que nunca no coração da ação econômica e por tudo no Québec e no mundo.

Montréal, 17 de novembro de 2006

G.3. Publicações resultantes do projeto

Em anexo à versão impressa deste relatório, seguem documentos impressos como frutos diretos ou indiretos deste projeto, que também encontram-se disponíveis na página do FBES (www.fbes.org.br) e do *Chantier* (www.chantier.qc.ca):

- Caderno de aprofundamento aos debates das Plenárias Estaduais de Economia Solidária;
- Relatório final da IV Plenária Nacional de Economia Solidária;
- Ousar a solidariedade: partilha de práticas de Economia Social e Solidária no Brasil e no Québec;
- Osez la solidarité: Le partage de pratiques d'économie sociale et solidaire au Brésil et au Québec.